



Sarmento Pimentel, Rua Itacolomi, 258

**Júlia Rocha, 2023
Município de Mirandela**

Com a curadoria de Júlia Rocha, esta exposição foi preparada no âmbito do Projeto de Mestrado em Ciências da Cultura da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro intitulado *Sarmento Pimentel: Exílios e Resistências*. Os textos acompanhantes são da sua inteira responsabilidade.

Toda a documentação, com exceção da que se encontra assinalada, pertence ao espólio da Biblioteca Municipal Sarmento Pimentel. Agradece-se a Isabel Fowler Sarmento Pimentel Granero a partilha de duas fotografias em contexto da Primeira Guerra.

Índice

Nota dos descendentes	8
Nota dos orientadores do projeto	9
Nota de apresentação da curadora	10
Ao Comandante João Sarmiento Pimentel	11
A Construção das <i>Memórias do Capitão</i>	13
Da República ao Exílio	21
A Implantação da República	23
Entre Guerras	26
A Monarquia do Norte	31
A Ditadura Militar e a Sublevação de Fevereiro de 1927	32
O Lápis Azul na Seara de Sarmiento Pimentel	37
Exílios	45
Exilados na Europa	48
Galiza: a Esperança Defraudada	51
O Brasil como núcleo das oposições	55
O Centro Republicano Português de São Paulo	57
<i>Portugal Democrático</i> : Um Jornal Livre de Censura	61
<i>Portugal Democrático</i> – a Defesa de Aquilino Ribeiro	65
Portugal Democrático - as “Opiniões Insuspeitas” de Sarmiento Pimentel	68
O Asilo de Humberto Delgado	71
A Operação Dulcineia	77
O Auxílio a Exilados	82
Após o 25 de Abril	85
Alguns dados biográficos	93
Documentação do espólio Sarmiento Pimentel integrada nesta exposição – localização na Biblioteca Municipal Sarmiento Pimentel	97
Documentação do espólio de Isabel Fowler Sarmiento Pimentel Granero, neta	98

Nota dos descendentes

Fiquei imensamente contente em 2022 ao conhecer Julia Rocha, da Biblioteca Sarmiento Pimentel, enquanto elaborava sua tese de mestrado sobre a vida do meu avô João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel, natural de Portugal e exilado por 47 anos. Foi por meio dela que tive acesso aos diários dele. Me deparei com um avô desconhecido, cuja alma estava dividida entre o Brasil, onde formou uma família com os casamentos dos filhos, resultando em netos e bisnetos, e Portugal, onde permaneciam suas irmãs, sobrinhos, primos, cunhados e amigos

Ele carregava consigo um sentimento de culpa por ter feito sua esposa e filhos deixarem a terra natal para acompanhá-lo no exílio, acreditando que isso os afetou profundamente. Por vezes, expressava uma tristeza imensa pela sua terra natal em Trás-os-Montes, chorando de saudades da vida na Casa da Torre, em Felgueiras. Revoltava-se com a condição de exilado, tendo sido negada sua entrada em Portugal por quase cinco décadas, mas guardava esse fardo no coração sem revelar à família.

Ele sempre escrevia que não morreria sem retornar a Portugal, e pude presenciar essa alegria no dia de seu embarque após a Revolução dos Cravos em 1974. Era um apaixonado por suas origens, pela Pátria Madrasta, como chamava Portugal, e pelo povo que sofria sob um governo ditatorial. Desejava um governo que priorizasse a educação, proporcionasse empregos dignos, garantisse qualidade de vida na aposentadoria e permitisse liberdade de expressão em política, economia e educação.

Ele foi um grande apoiador do Partido Socialista em São Paulo, correspondente de notícias para correligionários exilados em vários países e uma fonte crucial de informações quando a PIDE não interferia. Em conjunto com correligionários em São Paulo, realizava coletas mensais para ajudar os exilados que chegavam sem recursos, auxiliando-os na busca por emprego e no pagamento de aluguéis. Seu diário funcionava como terapia, uma válvula de escape para seus sentimentos e sobre os acontecimentos ligados a Portugal.

Foi por meio do amor expresso nas histórias contadas por ele que eu conheci Portugal e despertei o desejo de mudar para cá, o lugar onde ele nasceu e viveu até os 38 anos.

Isabel Fowler Sarmiento Pimentel Granero

4 de Janeiro de 2024

Nota dos orientadores do projeto

João Sarmento Pimentel (1888-1987) configura e personaliza o tipo de exilado político cuja vida se materializou em diferentes formas de representações políticas e culturais. A vasta documentação que doou ao Município de Mirandela contém, para lá de um espólio bibliográfico genérico que remete para as suas leituras e permitem informar o seu perfil cultural, um importante conjunto de cartas trocadas com figuras destacadas dos quadrantes militar, político e intelectual de diferentes épocas que se constituíram, de modo diverso, como grupo (s) de resistência à ditadura de António de Oliveira Salazar. Desde o Brasil, onde se instalou/exilou, Sarmento Pimentel foi um ativista político constante quer integrando/apoiando movimentos políticos organizados a partir do exílio, quer colaborando em revistas e jornais conotados com a oposição ao Estado Novo, de que são exemplo a *Seara Nova* ou o jornal *Portugal Democrático*, quer, ainda, como elemento agregador e conciliador entre os diferentes núcleos ou fações da resistência política ao estado fascista português. Neste quadro, dar a conhecer o espólio documental de Sarmento Pimentel através da sua exposição pública é, não apenas prestar homenagem à figura do exilado e resistente antifascista, como, sobretudo, mostrar as peças de uma memória individual (e coletiva) fundamental para um melhor conhecimento de mais de seis décadas da vida política, social e cultural do Portugal do século XX.

Nestes tempos em que a(s) memória(s) e a sua importância como elemento estruturante de uma sociedade parecem estar a cair de importância ou, talvez, a querer-se (pelo menos alguns) que sejam mantidas fechadas convenientemente nos arquivos, é sempre importante valorizar e nunca esquecer que existe presente porque houve um passado e que os alicerces do futuro só se encontram nesse passado.

Testemunhos e testemunhas de resistência, a documentação pessoal de João Sarmento Pimentel constitui-se, por isso, como forma de representação cultural de um passado que adentra pelo presente e pelo futuro a construir, enquanto expressão de uma vivência de exílio única (mas partilhada), dessa 'fratura incurável' perspectivada por Edward Said que o autor das *Memórias do Capitão* tão bem simboliza.

Orquídea Ribeiro e Fernando Moreira (UTAD)

Nota de apresentação da curadora

Esta exposição pretende ser um manifesto contra o esquecimento. Uma pequena biografia é um veículo redutor para resumir uma vida com a amplitude como a de João Sarmento Pimentel (1888-1987). É igualmente limitada para exprimir a dimensão do seu acervo que aqui se pretende retratar. Nascido em Suções, Mirandela, numa família da aristocracia rural, o “Comandante”, como era denominado pela comunidade de opositores à ditadura, acarinhou o republicanismo desde a infância. Foi ainda cadete que, como militar, tomou uma posição decisiva para a queda da monarquia e, como 1º Oficial de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, combateu novamente aquando da Monarquia do Norte. A luta pelo fim da Ditadura Militar levou-o, em fevereiro de 1927 ao exílio, onde desenvolveu outras estratégias de resistência.

O desamor que alimentou por Salazar, o “fradalhão de Santa Comba”, como lhe chamou, transmutou-se na crença do poder transformador da realidade. A luta pela liberdade em Portugal, pelas armas e pela palavra, exerceu-a de diversas maneiras: como anfitrião de outros exilados, através da reunião de recursos financeiros e de contrapropaganda política. Fiel impulsor da obra de Camões no Brasil, foi o autor das *Memórias do Capitão* (1963), um dos livros proibidos de circular em Portugal e que aqui se quer homenagear. “Gargalhada homérica”, nas palavras de Jorge de Sena, as *Memórias* são um texto de resistência daquele que, devido ao auxílio aos seus pares, como conta a sua filha Isabel, “não ficou rico, mas foi o herói de muitos”.

Após 1927, ano do seu exílio, o acervo Sarmento Pimentel expande-se. A partir daí, ele cresce e diversifica-se mantendo, contudo, uma nota dominante: a oposição à ditadura. Testemunha de um homem que atravessa o século XX, esta convergência de exílios e resistências torna o arquivo pessoal um lugar de memória da cultura portuguesa contendo vozes excluídas na narrativa oficial.

Sarmento Pimentel regressou a Portugal em 1950, numa curta amnistia concedida pelo governo, depressa compreendendo que se tratava de uma manobra de ilusão. Voltará em 1974, entusiasticamente aclamado pelo povo. As estrelas de general só lhe serão atribuídas, porém, após alguma adversidade. Morreu em São Paulo, em 1987, antes de completar os 100 anos.

Ao Comandante João Sarmiento Pimentel

Tão tarde vai, senhor, esta missiva
em termos de outros tempos em que epístolas
serviam para saudar heróis e sábios
como também quantos na vida exemplo
dariam de inteireza e de hombridade
que às vezes sábios e heróis não têm.
Mas tarde não é nunca para quem,
qual sucede convosco, não existe
no dia-a-dia triste deste mundo
mas à luz clara de uma História que
por vós foi feita quanto lembrada
em páginas tão vivas quanto a língua
subsiste lusa contra tudo e todos
naqueles que de amor a talham firme.
Para destino, capitão, a pátria
não dela, mas quão dela é o que devera
erguê-la de si mesma, vos criou:
como isso dói e queima vós sabeis,
e quanto é mágoa de distante ausência.
Mas isso é o que de frágil todos temos:
que não epístolas necessitais
para saberdes de ciência certa
lá onde sois o homem que haveis sido
como há na pátria um espaço negro e vácuo
a recordar-vos nítido e presente
e que ninguém jamais preencherá
com artes de esquecer ou mãos cobardes:
a vossa forma e vulto, e mais do que ela
aquela ardência de existir e ser
que alma se diz, mas só devera usar-se
para quem, como vós, é desses raros
a merecê-la como nobre corpo
da vida que se vive e não se extingue
nos homens ou nas pátrias por mais pobres
que sejam de saber ou de aceitar
quanto só de homens como vós se fazem.
Assim, senhor, eu vos saúdo e digo
de como em vida me vivi honrado
com conhecer-vos e por vós ser tido
por digno de amigo e camarada
nas horas duras de se amar a pátria
com amor infeliz, como naquelas

em que de convivência ela renasce
tão pura qual nenhuma pátria humana
é uma grã-cruz que vossa senhoria
colocou no meu peito e que mais vale
que quantas de vaidades só refulgem.
E pesa como séculos de História
Qual em vossas memórias se revive.
No magno espaço a solidão nos une:
figura grande, e este cantor aflito
das eras a que vós grandeza heis dado.

Santa Bárbara, 28 de Outubro de 1972
Jorge de Sena

A Construção das *Memórias do Capitão*

Aos que nesta luta secular pela Liberdade foram perseguidos, andaram na triste Peregrinação do exílio, ou da cadeia, e como meu irmão Francisco e o pobre de mim nunca perderam a esperança do regresso à terra de seus maiores para, com ânimo forte e espírito de concórdia, ajudarem a restaurar a República

Dedicatória inscrita nas *Memórias do Capitão*

Escritas por aquele que foi o mais antigo exilado político no Brasil, a composição do livro *As Memórias do Capitão* (1963) de João Sarmiento Pimentel, teve a colaboração de outros opositores ao Estado Novo: Jorge de Sena, Fernando Lemos e Victor da Cunha Rêgo (1933-2000). Este jornalista criou, em 1962, juntamente com a sua esposa Ivonne Felman, a Felman-Rêgo, editora de livros de resistência à ditadura salazarista, tendo vindo a publicar as *Memórias do Capitão* no ano seguinte. Fernando Lemos, artista plástico, escolheria o Brasil para viver no ano de 1953, insatisfeito com a conjuntura política e artística. São seus os arranjos gráficos para esta obra. A Jorge de Sena (1919-1978) caberá a tarefa de revisor e prefaciador deste livro, proibido de circular em Portugal pela PIDE. Sena mudara-se para o Brasil após ter apoiado a candidatura a Humberto Delgado à Presidência da República portuguesa, na iminência de represálias da polícia política. “Ainda Portugal vai dando, numa mesma pessoa, homens e escritores”, escreverá no prefácio das *Memórias*. A correspondência trocada entre os dois atesta ainda o seu trabalho de revisão nas *Memórias*.

Entre a primeira e a terceira pessoa, o autor transporta-nos à ambiência da infância e da juventude, em Eixes (Mirandela) e na Casa da Torre de Rande (Felgueiras), da Implantação da República, das lutas reviralhistas e da Primeira Guerra em Angola e na Flandres, da Semana Sangrenta após o 28 de Maio.

No desfiar da experiência, as *Memórias* são entretecidas pela mágoa do exílio e o desamor ao governo que manteve o seu autor nessa condição. As suas páginas conduzem o leitor a momentos da história portuguesa ainda por inscrever na memória coletiva: a República, a participação de Portugal na Primeira Guerra, a experiência vivida de fora, em oposição à ditadura salazarista, o mais longo regime totalitário europeu.

Nelas se evoca o combate à Monarquia do Norte e à Ditadura Militar, o empenho da *Seara Nova* em fazer florescer um país subdesenvolvido e o fracasso de uma revolução desmembrada. Na Galiza, em 1931, o narrador mostra uma resistência à Ditadura Militar movida entre o interior e o exterior do país, nos diversos pontos onde se encontram os exilados.

O dramático de uma ditadura de trinta e oito anos, é ter o tempo feito correr verticalmente sôbre os crimes por ela cometidos um véu de sofrimento que superou os fatos e trouxe a aceitação consequente dos fatos menores, por razão de surgirem fatos maiores. Os crimes maiores confundindo os menores. O julgamento foi assim perdendo a oportunidade. Nós, pelos crimes de hoje esquecemos completamente os crimes de ontem.

Uma guerra, entretanto, ajudou a fazer mais comparações e a ditadura portuguesa, mantida não em paz mas na área da expectativa e do aproveitamento, ganhou até em fazer-se observadora e continuadora das atrocidades que são agora cometidas eficientemente pela política interna sem poderem ser observadas do lado de fora.

Gerações se sucederam, convenientemente fabricadas, absorvendo proveitos dos crimes, dando-lhes mesmo o lugar generoso entre os chamados males inevitáveis, aperfeiçoando os sistemas e a causa para que não venham a ser tomadas essas gerações como produtos.

FERNANDO LEMOS

A oposição em Portugal, corrompida pelo exercício demorado da clandestinidade, submeteu-se de pai para filho, a habitar o recinto que lhe foi destinado para se expandir e a que a êle se chamasse "oposição". Hoje, pacientemente adiada, essa "oposição" não é mais que uma posição. Os homens que eram dignos só o puderam continuar a ser consigo mesmos, pois nem muitas das vezes aos filhos lhes foi permitido ensinar a injustiça. A cartilha oficial fala e ensina, a bem da nação, a justiça. E assim tudo é tomado como tal.

Não foi difícil a Salazar e aos seus feiticeiros convencer os portugueses que eram uma raça inferior. Hitler convenceu igualmente os alemães que eram uma raça superior. Transformar uma nação de heróis, limitados mas mais ou menos dignos, num território de parvos e mendigos da sua própria liberdade, foi trabalho fácil, se tivermos em conta que Salazar é ainda por cima um monstro edificado sôbre peças nacionais e susceptíveis de comover a raça...

É honesto, económico, prudente, religioso, trabalhador, culto,

ATELIER RUA CANUTO DO VAL 54 S/ SOLO EDITORA GIROFLÉ MARQUÊS DE ITÚ 266 S 33 SÃO PAULO

Discurso de Fernando Lemos (1964)

dialético, orador, inteligente, tem senso do ridículo, coerente, patriota, hábil, dedicado, sacrificado, tímido, pobre, carinhoso, tradicionalista, empreendedor, perspicaz, modesto, simpático, intelectual, conselheiro, comerciante, apaziguador, discreto, objetivo.

Depois de ter sido considerada milagrosa e oportuna a sua chegada ao poder, de todas essas qualidades se fez o arame farpado da sua estabilidade.

Os exilados políticos, chafurdando na anarquia que é própria do exílio amantizado com a emigração, nada mais têm podido fazer que navegar entre a mediocridade de uma maioria, o desalento nobre de uma minoria e a sem vergonhice da parte restante que é uma sobra de salazarentos tardiamente revoltados mas a quem se pode fazer como acusação mais grave, o terem deixado cair no plano da aventura algumas parcelas de inegável valentia, mas que serviram para lhes denunciar as intenções.

Os comendadores abastados e enriquecidos pela vantagem da emigração que os alfabetizou no comércio graúdo, comem o seu gato por lebre na saudade a confundir-se com a verdade, dando ao ditador no exterior a bitola de um prestígio assessorado ainda pelas contingências históricas. E perde-se por esse lado a oportunidade de mostrar que a emigração portuguesa dos últimos decênios tem mais origem na fome e na estreiteza moral a que o país foi jogado do que propriamente nos canais da repetição e vício histórico.

Sarmento Pimentel, com os seus trinta e oito anos de expulso do convívio com essa vida humilhante que é a vida portuguesa, constrói no seu livro de Memórias, o único monumento de orgulho para todos os que, de uma maneira ou outra, se transformaram em oprimidos. O orgulho de dêle termos sido contemporâneos. O orgulho de nos redirmos de tanta bravura ôca com jantares comemorativos, discursos e manifestos e telegramas bordados com gritos e assinaturas, que têm sido, e serão, do mal o menos e do menos o mal. O orgulho de nos reconhecermos impotentes perante a tragédia que faz hoje dos portugueses uns pobres diabos de circo ambulante, fantasiados de século dezas-seis a contar, pelos cantos do mundo, as anedotas da civilização cristã, das descobertas e das bravuras marítimas.

ATELIER RUA CANUTO DO VAL 54 S/ SOLO EDITORA GIROFLÉ MARQUÊS DE ITÚ 266 S 33 SÃO PAULO

FERNANDO LEMOS

O orgulho, enfim, de sabermos que não se esquecerão os fatos e a sua textura verdadeira.

Com trinta e oito anos de liberdade se pode ver, memoriado, pensado e escrito aquilo que - até com a qualidade literária que ainda por cima tem - em Portugal não se faz, por vias de um medo embutido nas classes intelectuais, da situação e da oposição.

É esse livro e esse orgulho que irão envergonhar quem em Portugal aprendeu a escrever nas entrelinhas para ocultar da censura o que na verdade pensa e que, não dando à censura conta desses pensamentos, também a nós como leitores não. Se é que a vergonha não foi, com esses trinta e oito anos, posta de lado no cabide dos sentimentos não recomendáveis.

Um dia nascerá outro Sarmento Pimentel e hêle tudo aquilo que gostaríamos que fôsse português. Arrastando, como êle, tudo o que a humanidade deu de razoável, de digno e de português. Mas é bem provável que seja tarde. O resto, já Fernando Pessoa disse:

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também./
Depois de certa altura morrerá a rua onde estêve a tabuleta,/
E a língua em que foram escritos os versos.

FERNANDO LEMOS

F. Lemos



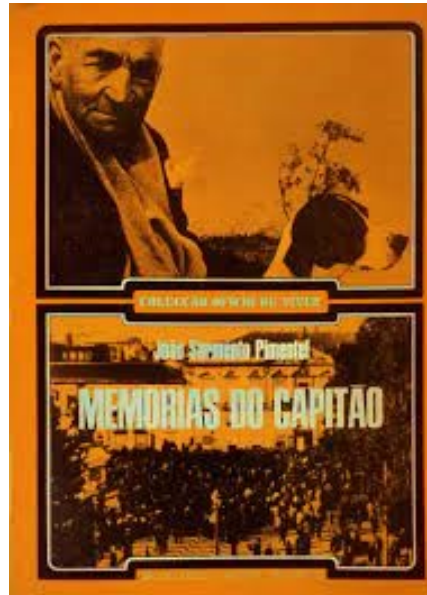
Fernando Lemos e Sarmiento Pimentel (1974)



Envelope devolvido ao remetente (por conter as *Memórias do Capitão*)



Capa de Memórias do Capitão (ed. Felman-Rego)



Capa de Memórias do Capitão (ed. Inova)

Da República ao Exílio

A Implantação da República

Para a Rotunda foram desertando tropas desgarradas, civis decididos e uns cinco cadetes, entre eles ‘João da Torre’, que, na manhã de 4, depois dum resto da noite sem pregar olho, suando de aflição e de receio, metido na cama vestido, saiu da escola a pretexto de ir obter informações dos acontecimentos.

Memórias do Capitão

O século XIX determina o fim das monarquias. A crise provocada pelo *Ultimatum* britânico de 1890, intimando Portugal a abdicar das suas colónias, veio colocar em causa o regime monárquico multiseular, que anunciara já a sua

vulnerabilidade. O republicanismo irá nascer no centro de uma recente massa de classes marginalizadas condenadas ao limiar da sobrevivência e à exclusão da vida política, que se organizam através da Carbonária e outras entidades de oposição. Ligada aos processos tradicionais de acumulação da propriedade, a monarquia mostra-se incapaz de se auto legitimar perante as mudanças económicas e sociais que ocorrem. O 5 de Outubro foi preparado num plano de articulação entre o Partido Republicano Português, a Maçonaria e a Carbonária. Enquanto Sarmento Pimentel frequentava a Escola do Exército, a presença dos Cadetes da Rotunda haveria de ser determinante para a queda da monarquia. Embora o plano militar tenha fracassado, a insistência deste cadete, João Sarmento Pimentel, motivará a resistência de Machado Santos, determinando a Implantação da República. A inclinação para a democracia manifestara-se desde muito novo: Sarmento Pimentel nascera dois anos antes do *Ultimatum*, numa família que lhe consentia a liberdade e consciência política.



Sarmento Pimentel (ca 1910)

◉ 5 de Outubro de 1910 ◉

REPUBLICANOS PORTUGUEZES :

Hora decisiva

A ditadura militarista, que envergonha e arruína Portugal desde ha mais de um anno, entrou no periodo da agonia. O golpe agora tentado por alguns dos seus chefes da primeira hora é um sintoma de morte proxima. Chegou para os republicanos o momento de agir. Unâmo'-nos todos, quer partidarios quer não partidarios, em torno da Liga de Defesa de Republica, a que pessoalmente tendo dado o meu concurso desde fevereiro e a cuja Junta Directiva pertenco, afim de escularmos as suas patrioticas aspirações e assim restabelecermos as Instituições Republicanas, prestigiando-as e dando-lhes plena eficiencia, como a Nação deseja e precisa. Afonso Costa.

Viva a Republica Constitucional !

Abaixo a tirania carmonista !

Comunicado de Afonso Costa (ca 1911)

Entre Guerras

O Passos e Sousa tinha sido enterrado na cerca de arame farpado junto à muralha, e lá ficou esquecido, e hoje ignorado, como tantos outros que por aqueles sertões morreram, faltando saber se com melhor sorte que aqueles que viveram, como o pobre de mim, para assistir ao degradante triunfo da cobardia.

Memórias do Capitão

A República compreenderá a participação de Portugal na I Guerra Mundial. Refém dos bens provenientes de Inglaterra e desprovido dos recursos necessários, Portugal decidirá pelo combate em França. Apesar da controvérsia generalizada no que diz respeito à participação na Grande Guerra, a defesa das antigas colónias face à potência alemã foi consensual. Em 1914, o Corpo Expedicionário Português é enviado para território Ultramarino. Após o desastre de Naulila, o governo-geral é entregue ao General Pereira d'Eça e Sarmento Pimentel sairá como voluntário para as Campanhas no Sul de Angola sob o seu comando.

Não estando reunidas as condições para o combate num território inóspito e selvagem, descrito como “o inimigo”, a palavra de ordem foi improvisação. Marchando pelo rio Cunene em operações de reconhecimento, Sarmento comandou os *boers*, alcançando a região do Humbe. As tropas portuguesas puderam, deste modo, cumprir a sua missão, a defesa da integridade das colónias.

Sarmento Pimentel foi depois mobilizado para as trincheiras da Flandres, incentivado por Gomes da Costa, onde a frente de combate se revestia de condições distintas do território colonial. Aí consolidava a amizade com outro militar que, mais tarde, viria a fazer parte do núcleo de exilados, Jaime Cortesão. A falta de preparação para as condições climatéricas, para o ambiente de combate nas trincheiras e a má qualidade dos materiais destinados aos portugueses, foi causa quer da doença prolongada dos soldados, quer da sua exaustão, sendo origem de fuga ou revolta de muitos.

E assim é que foram arrasadas cidades inteiras e populações de muitas centenas de milhares de seres humanos. Feitas as contas, perderam-se perto de vinte milhões de pessoas e gastou-se a riqueza acumulada de duas gerações, sem proveito para ninguém e sem emenda para os países da Europa...

Memórias do Capitão



À direita, Sarmento Pimentel (Angola, ca 1915)



Da esq. p/a dir.: Pires Loureiro, José de Mascarenhas e Sarmento Pimentel (França, ca 1918)



Sarmento Pimentel (Aire-França, ca 1918)

A Monarquia do Norte

Em 1919, a pedido de Sidónio Pais, que lhe entregara o comando de Esquadrão de Cavalaria da Guarda Republicana do Porto, Sarmento Pimentel combate a Monarquia do Norte, acabando com o Reino da Tralutânia. A sua intervenção inesperada, saído do hospital ainda debilitado da pneumónica, permitirá a sustentação da República por mais sete anos. Em reconhecimento da defesa da República, é-lhe entregue a Espada de Honra da Cidade do Porto, que Sarmento Pimentel ofereceu posteriormente ao Museu da Cidade do Porto.



Espada de Honra da Cidade do Porto oferecida a Sarmento Pimentel

A Ditadura Militar e a Sublevação de Fevereiro de 1927

As deportações em massa, as prisões indiscriminadas e a eito, davam mostras da represália e da defesa da ditadura que, senhora dos jornais pela censura, não consentia que alguém tomasse a defesa dos vencidos.

Memórias do Capitão

Com o assassinio de Sidónio Pais, estava livre o caminho para a Ditadura Militar, instaurada a 28 de maio de 1926. O Revirvalho, oposição republicana à Ditadura, não cumpriu as expectativas de resgate da República. A revolução de 1927, “semana sangrenta” de 3 a 9 fevereiro que ocorreu no Porto, de cunho militar e contra o poder do partido instituído, haveria de contar com as redes de relações *seareiras* e da guerra da Flandres. A “rendição pelo menor número” permitiu aos opositores que se esconderam criar formas de resistência durante a ditadura.

Afastado do Exército, Sarmento Pimentel haveria, porém, de ser chamado por Simas Machado a combater no Porto, com o propósito de persuadir os militares Francisco Aragão e Ribeiro de Carvalho a juntarem-se. Mas Lisboa não aderiu, o que permitiu à Ditadura reforçar a sua defesa. Sarmento Pimentel esconde-se em Santo Tirso e disfarça-se até chegar a Espanha, partindo daí para o Rio de Janeiro. Aí fica até 1931, momento em que é aliciado por António Sérgio a voltar para derrubar a Ditadura Militar.

Em Portugal, o governo leva a cabo o saneamento de opositores. *Desrepublicanização* militar, despedimento, exílio, prisão e deportação, tornam-se medidas fundamentais para a consolidação do Estado Novo. Sousa Dias, o general que comandou a revolução, é deportado para São Tomé e Príncipe e depois para os Açores e Madeira. Quanto a Cunha Leal, é deportado para os Açores, de onde se evade, permanecendo exilado até 1932.

Horta, 2-1-929



Prezado Camarada e Amigo Pimentel:

Jornais e informações recebidas pelo meu companheiro de deportação nesta Vila, p Tte. Coronel H. Ribeiro, deram-me a conhecer, só agora, a localidade em que o meu estimado Pimentel tem residido. Apresso-me, pois, a escrever-lhe para saber directamente do seu estado de saúde, e solicitar-lhe que me dê as suas notícias que, a todos os títulos, serão sempre desejadas.

A minha atropelada Odisséia, após o movimento de 3/7 de Fevereiro de 1927, levou-me - primeiramente - às insalubres paragens de S. Tomé, (a p'or das nossas possessões africanas) onde permaneci quã se um ano; e, a seguir, destinado a Ponta Delgada, onde, antes de desembarcar, me deram nova ordem de exílio para o País I...E, aqui estou, vai também para quase um outro ano I...

É tudo isto à mistura com vários enxovalhos e vexames sem consideração de espécie alguma pela minha posição, idade e pelo meu pagado I...Oá estanhos, pois, suportando todas estas contrariedades com a precisa e adequada firmeza de carácter e com a exigida elevação moral, sem abatimentos, nem desalentos inoportunos e impróprios.

As notícias que da Metrópole nos chegam - incompletas umas, outras carecendo, porventura, de seguro fundamento, devido, sobretudo, à apertada censura que existe fora e dentro do Continente - não nos permite afoitamente aventarmos um firme prognóstico dos acontecimentos a surgir...

Há, portanto, que aguardar o seu desenvolvimento, com toda a serenidade e boa disposição de ânimo.

No entanto, um ponto há em que as informações vindas, são plenamente concordes: - em que no País lavra um geral descontentamento pela perniciososa "obra" ditatorial; e que um latente mal-estar subsiste em todas as classes sociais.

É possível que o meu caro Pimentel, vivendo aí, nesse grande meio, melhor se encontre inteirado, a este respeito, do que nós outros,

Carta de Adalberto de Sousa Dias a Sarmiento Pimentel (Horta, 2/1/1929)

desterrados nestas isoladas paragens açorianas.

O que não nos resta, porém, dúvida é que a acção lamentável da maioria dos nossos políticos - com as suas desmedidas ambições, vaidades e egoísmos; com as suas impertinentes desavenças; com o descrédito em que se degradam uns aos outros; com as suas perniciosas intransigências - têm enormemente contribuído para que este infadado estado de coisas se mantenha, e subsista tão desoladora situação.

O meu "Panglossismo", todavia, leva-me a encarar tudo isto, com o optimismo próprio da nossa psicologia de meridional... Coisas bem mais agudas a nossa Nacionalidade tem atravessado; e deias tem saído incólume e inteira no integral cumprimento dos seus elevados desígnios históricos. Tenho a arraigada convicção e fé na directa e oportuna acção da grande massa nacional (a sempre obscura, mas heróica massa popular), e que esta saberá apoiar e impôr os seus e puros princípios da liberdade e do Direito, por que sempre tem pugnado e dedicadamente se tem batido l...

Aguardemos, pois, confiantes e serenamente, o desenrolar dos acontecimentos.

Consta aqui, por telegramas vindos para a imprensa local, que, por toda a 1.^a 15.^a de Janeiro do corrente, serão dirigidos os dirigentes do movimento de Fevereiro. Até à hora em que estou escrevendo, nada oficialmente chegou ao meu conhecimento. Se tal se vier, avisá-lo-ei em "à última hora".

De novo lhe requiro que me dê o prazer das suas notícias... E, não o incomodando mais, - fazendo os mais sinceros e íntimos votos para que goze da mais plena saúde, e desfrute as possíveis e desejadas felicidades - crefa-me, com affectuosos abraços,

seu camarada e amigo m.^{to} afeiçoado

(a) A. de Sousa Dias

General - Com.^{te} dos revolucionários do Porto, na Revolta de 3 de Fevereiro de 1927.



Exmo. Snr. Presidente do Ministério
Cadeia do Aljube, aos 26 de Maio de 1930



Com enorme surpresa, acabo de ler nos jornais d'hoje a nota que se segue:

"O Governo, tendo tido conhecimento de que fora ultimamente posto a venda um novo livro do Snr. Cunha Leal, em que é visado em termos de baixo insulto um dos seus membros, deliberou fixar residência fora do Continente aquele antigo político."

O antigo político a que se refere a nota transcrita é, precisamente, o mesmo que alguma coisa sofreu, material e moralmente, por ter tomado, com energia, por várias vezes, a defesa de tantos dos que o atacam agora. Recordo isso a V. Exas., não para lamentar que esses tais guardem, nesta emergência, "de Conrado e prudente silêncio", visto que não quero a sua defesa, mas sim para dizer a V. Exa. que ao Conselho de Ministros não ficaria mal falar com mais respeito desse antigo político, cujo passado deve recordar a V. Exa. o julgamento do 1.º de Abril e tão mal empregados combates a favor dos vencidos de então, que, na sua maioria, não mereciam tal defesa.

A nota oficiosa do Governo a que V. Exa. preside é um acto menos digno. No livro, a que nela se faz referência, o dr. Oliveira Salazar é atacado, exactamente, com a mesma energia e vivacidade com que o foi nesse outro livro sobre "a sua obra intangível", por mim publicado, há tempos, sem que o Governo tivesse resolvido adoptar qualquer procedimento contra o seu autor.

E rude o ataque? Certamente. Fala-se no dr. Oliveira Salazar com menos respeito? Não contesto. Mas, daí até ao que se afirma na nota oficiosa, vai a distância que medeia entre um combate cerrado, incruente, mas leal, e a prosa do seu Governo, que essa, sim, Snr. Presidente, constitui um baixo insulto.

O que é que, afinal de contas, doeu a V. Exas. neste novo livro mais do que no anterior? Duas coisas apenas: em primeiro lugar, o ter-se feito nele a demonstração, por a mais b., de que a absoluta falta de tacto do Snr. Oliveira Salazar gerou em Angola um conflito cujas consequências se não podem ainda prever; em segundo lugar, o provar-se, igualmente, que a República, para viver, precisa de dar às forças vivas nacionais uma direcção republicana. O resto são histórias da cardichinha, Snr. Presidente. E quem insulta são V. Exas. e não eu.

Ora, a este propósito, quero dizer-lhe, Snr. Presidente, que os Senhores podem, contra mim, usar e abusar da sua força, que, nem por isso, me queixarei, certo como estou de que "quem com ferro mata com ferro morre". Podem tratar um antigo Presidente do Ministério com a falta de respeito com que se trata um valdevinos qualquer, mandando-o prender por um dos seus esbirros e dando-lhe por cama uma enxérga nojenta. Podem deportá-lo para a Madeira, para os Açores, para a África, para a Ásia, para a Oceânia, para onde, em suma, lhes a etecer. Podem, se quiserem, encostá-lo de encontro a um muro, e fusilá-lo.

Mas o que não podem, e que não devem - por isso que fazê-lo equivale a perderem o respeito por si próprios e a tornarem-se indignos da condição humana - é prender alguém e insultá-lo depois. O homem, que arrisca a sua liberdade e os seus interesses para dizer a verdade aos que governam, sem se esconder no anonimato, é digno de consideração, mesmo quando introduza nas suas apreciações uma ponta de azedume ou de violência. Os homens, que concentram nas suas mãos todos os poderes e se servem deles para insultar aqueles a quem privam da liberdade, esses estão abaixo de toda a crítica. E houve pessoas, que se rotulam a si próprias de republicanos que procederam assim! Oh, vergonha das vergonhas!

O protesto que aí fica, Snr. Presidente, é platónico, valendo apenas o que valem as afirmações de justiça. Faço-o, em todo o caso, em obediência aos ditames da minha consciência, renetindo-lhe, Snr. Presidente, as palavras dum grande revoltado contra a opressão doutra ditadura - a vermelha ditadura do oriente;

"Tiramos, que esmagais a vida! Porventura, vocês acreditam que todas as guelas comem feno? Que todos os lábios podem ser fechados a cadeado? Que todas as consciências podem ser adormecidas? E que jamais uma vez tornará a retumbar no deserto?"

Aí fica, pois, o meu protesto, Snr. Presidente do Ministério. E se V. Exa. conseguir tirar a meus filhos o Pai e o bem estar que tanto ambiciono para eles - para mim tudo serve, até este quarto de Aljube - ainda assim hei-de legar-lhes uma grande riqueza: o meu ódio contra todas as imposturas, contra todas as mentiras convencionais, contra todos os actos que envilecem a humanidade, contra o dr. Oliveira Salazar, porque é como os fariseus e os sepulcros, e contra V. Exa. e os seus colegas porque são capazes de insultar um preso, de cuspir na cara de um homem manietado.

CUNHA LEAL.



Carta de Francisco da Cunha Leal ao Presidente do Ministério (Cadeia do Aljube, 26/5/1930)

O Lápis Azul na *Seara* de Sarmiento Pimentel

Nós, os clerics seareiros, não tínhamos razão para tanto alarme e, assim, não passávamos de elementos perturbadores que a Ordem (a da confraria do Fradalhão¹, tão agradada da Hierarquia), mais tarde ou mais cedo trataria de mandar para a cadeia, para o destêrro, para o exílio.

Memórias do Capitão

Sarmiento Pimentel refere-se a António de Oliveira Salazar. A expressão “Fradalhão de Santa Comba” é recorrente nos seus escritos.

Fundada em 1921 e sem aspirações a partido com projeto político, a *Seara Nova* foi muito mais que uma revista, convertendo-se em união reflexiva de espigas distintas. Autoinvestidos de uma missão doutrinária, a ambição dos *seareiros* era a revitalização do destino português através da renegociação da memória coletiva. Face ao estado caótico da República em 1926, a *Seara Nova* defenderá um governo excepcional, a Ditadura Militar, cuja aprovação retirará de imediato. Entre as convicções *seareiras* e as circunstâncias da instauração da Ditadura há um desfazamento, já que esta era imaginada apenas como momento de transição para a democracia. Os *seareiros* mantiveram-se sempre leais à defesa das liberdades individuais. A *Seara* irá continuamente criticar a atuação dos governos que se sucedem, quer durante os anos da República, quer após o 28 de Maio de 1926. Instituída a censura prévia com a Ditadura Militar, as temáticas mais sensíveis respeitantes ao governo passam a ser evitadas e censuradas.

Convidado por Jaime Cortesão, Sarmento Pimentel integra o corpo diretivo da *Seara Nova* em 1924 até 1957, colaborando na escrita de artigos a partir do número 29 (*Seara Nova* nº29, jan. 1924). Após a revolta de 3 de fevereiro de 1927, foge para o Brasil, para onde seguiriam, mais tarde, Jaime Cortesão e António Sérgio. As publicações de Sarmento Pimentel versam predominantemente sobre temas como as raízes da estagnação nacional, o analfabetismo, o ordenamento territorial e a emigração. É no exílio que este irá assumir uma rubrica intitulada *Cartas do Brasil* e, mais tarde, *Vida Errante*. O tema dominante é substituído, nas versões publicadas, pelo quotidiano no país de acolhimento.

Os seus textos tratam questões diversificadas como o subdesenvolvimento agrícola e o analfabetismo. Sarmento gostaria de ter publicado sobre os problemas trazidos pela emigração desenfreada e desorganizada para o Brasil e das desventuras da ditadura, mas esses artigos haveriam de ser cortados pela Comissão de Censura Prévia criada em junho de 1926. Contudente e mordaz, a sua voz não se adequava à imagem que o Estado Novo pretendia veicular de si próprio.

SEARA NOVA

CARTAS DO BRASIL

A EMIGRAÇÃO

Exportamos gente que é o produto mais espontâneo e menos trabalhado de Portugal.

EZEQUEL DE CAMPOS.

Léxico I..., tomo II.

A ÚNICA coisa que vimos fazendo com notável insistência é exportar gente!

Agora até se inventou a *exportação forçada*, com óptimos resultados para a Ordem e acentuada vantagem na solução do problema magno de republicanizar a República...

A outra exportação, aqui para o Brasil, tende a acabar, já pela falta de escrúpulo dos exportadores que na ansia de grandes lucros falsificam criminosamente todos os produtos, já pelo progresso sempre crescente desta terra fertilíssima que em meia dúzia de anos mais se bastará a si própria, tornando o mundo seu grande mercado, ao contrário do que tem sido até aqui — mercado de meio mundo.

Tecidos de algodão e de seda a rivalizarem com os melhores da Europa e tantos, tão baratos e tão bons que o seu desenvolvimento súbito originou a super-produção e há muitas fábricas paradas.

Uma poderosa organização financeira activou a sericultura, que é de criação continuada pois a amoreira tem sempre folhas, e conseguirá exportar em pouco tempo *quilómetros* de seda mais barata que a dos mercados estrangeiros.

«Comes e bebes» apenas raras especialidades. Todos os climas, todos os produtos.

Não creiam que os vinhos do Porto, as «Reservas», escárneo do «Entrepoto» e desmentidos formais a todos os certificados de origem, se agfentem por mais de cinco ou seis anos no Brasil.

Para que importar uma bebida que se faz com água, *cachaça*, açúcar e matéria corante?!

Tudo isso existe em barda neste país e os químicos alemães aqui estabelecidos estão muito mais adelantados que os mixordeiros de Gaia.

A região vinhateira do Brasil é imensa. Milhares de léguas quadradas, desde o Rio Grande do Sul aos planaltos de Goiás e Minas Gerais, podem produzir vinho, e esse com certeza menos *desdobrado* que os nossos colares, claretes, alvarelhões, agulhas, verdes e maduros, brancos e tintos que lá da terra só têm o nome e nem sempre o rótulo!

Começa agora a plantar-se. Esperem-lhe os resultados e depois me dirão se falo verdade.

A monocultura, ou lavoura rica está sendo tenazmente combatida.

Já não é só a cana de açúcar, só cacau, só café, só pastagem, só laranja, só bananeira, só algodão.

As *fazendas* começam a dar tudo.

Os agrónomos estudam as terras e o ministério da agricultura gasta milhares de contos distribuindo sementes, atribuindo prémios e importantes subsídios aos que montam a *lavoura americana* com tractores, silos, estábulos, debulhadoras, estufas e outros modernismos da indústria *yankee*.

Os produtos tropicais no Norte.

Os frutos e legumes e cereais e fibras da zona temperada no Sul, um sul que é maior que a Europa!

«A América é para os americanos».

O actual presidente dos Estados Unidos, Sr. Hoover, antes de subir ao poder, veio segredar essa verdade às nações hispano-portuguesas e, como bom homem de negócios, sabendo o campo azado à remuneração segura do dólar, também disse que «os amigos são para as ocasiões!»

De maneira que tudo quanto forem máquinas, ferramentas, aparelhagem eléctrica, produtos químicos, bem podem os europeus dizer adeus ao mercado. É ver o exemplo dos automóveis.

O Brasil só tem duas necessidades imperiosas: braços e dinheiro.

Até agora vinham da Europa, enquanto a *mina* era ignorada dos outros povos.

A Inglaterra quasi havia açambarcado o mercado do ouro colocando aqui uns 300 milhões de libras.

Portugal e a Itália tomaram o outro ramo de negócio a sua conta. Só muito depois é que os alemães, mais com fins imperialistas que de colonização espontânea, formaram o *quisto* do Rio Grande do Sul.

Do principio do século tudo começou a modificar-se e depois da guerra as mutações são tão rápidas como num teatro imenso onde se pudesse

Cartas do Brasil: a emigração - censurado pela Comissão Prévia (ca 192?)



CARTAS DO BRASIL VISADO A EMIGRAÇÃO

CONTINUAMOS pregando aos peixes! Quando aqui esteve o Dr. João de Deus Ramos disse-lhe o grave erro da emigração dos portugueses analfabetas mostrando-lhe que era gente que Portugal perdia sem qualquer vantagem e da qual o próprio Brasil pouco rendimento útil tinha a esperar.

Concordou comigo o ilustre pedagogo e alvitrou, como solução mais pronta do difícil problema, escolas móveis para os emigrantes.

« Não se taparia bruscamente o escoadouro emigratório — o que trazia perturbações internas — nem se sacrificavam os pobres portugueses ao interesse quasi certo da sua desorientada tentativa de fortuna na América. Solução provisória, já se vê, até iniciarmos o povoamento da Metrópole e das Colónias como é de absoluta e urgente necessidade ».

E prometeu defender em Lisboa a proibição imediata da actual emigração por a considerar anti-patriótica, anti-económica e deshumana.

Bom vontade mostrou o meu amigo, e lá vi nos jornais o seu alvitre que até hoje não passou de mera opinião, muito acatada, por certo, nos meios dirigentes, mas logo esquecida como todas as que visam beneficiar a grei e diminuir-lhe atribulações.

Continua a grande leva em números tão pasmosos, que no próprio Brasil se esboçam providências capazes de temperar este excesso da besta lusa — « o pior emigrante que hoje demanda a Federação » (*A Gazeta de São Paulo*, Novembro de 1928).

Dizer aos meus patricios o que significam esses números é tarefa de pouco proveito. Ninguém se comove com a desgraça que não seja espetaculosa ou não lhe toque pela porta.

Egoístas, os burgueses julgam que vivem no melhor dos mundos.

O drama da emigração, nenhum tem coração nem inteligência para o aprofundar e só raras vezes a sua imprensa — a grande imprensa! — aborda uma scena do primeiro acto, a falta de assunto palpitante.

É lento o abandono dos campos, e lá se vai atamancando a rotineiríssima lavoura com os velhos e com as crianças.

Sim, desaparecem multidões que seriam cidades, mas é aos pouquinhos, às migalhas de um milheiro cada oito dias. Ninguém dá por isso! É uma espécie de tifo exantemático que só leva os pilhosos, a arraiá miuda, o pé descalço. Como nós somos dos Guds, o mal não mexe com a

nossa paz, com a felicidade a que temos direito, com os nossos planos financeiros...

Deixa-os ir embora com a graça de Deus, porque mais fica para os que não vão, e eles, os burros, sempre mandam de lá alguma coisa.

Se toda a gente de Braga, a católica, morresse numa semana, havia luto nacional, exéquias, bando precatório das academias acompanhado pelas músicas da tropa e seis cavalarias da Guarda.

As madamas promoveriam récitas e bailes de caridade, os bispos haviam de lançar pastoral recomendando preces em todas as igrejas e abstinência nas primeiras sextas-feiras de cada mês! O governo decretava o estado de sítio, votaria uma verba extraordinária capaz de desequilibrar o orçamento só para enterrar os mortos e, num gesto magnânimo de nobre isenção partidária, acabaria de congraçar a família portuguesa mandando para o *Diário do Governo* um decreto que nomeasse o senhor António Maria da Silva alto comissário da zona flagelada!

As reportagens do *Seculo* e do *Diário de Notícias* seriam fontes de abundante patriotismo e correspondentes receitas que ultrapassariam o *ricorda* da tiragem quando foi do Angola e Metrópole.

A grande subscrição nacional teria à cabeça o Alfredo da Silva, o Sotto Maior, o João Ulrich, a Direcção do Banco de Portugal, etc, com 100 mil reis cada um!

A nação vibraria tão intensamente como quando foi da compra do cruzador *D. Carlos* e do empréstimo de Genebra...

Uma população de famintos andrajosos e analfabetos embora igual em número à da cidade de Braga, mas inferior (oh! muito inferior...) em qualidade pela plebeia descendência e vaga origem daquelas serras e montados, onde Nosso Senhor Jesus Cristo só prometeu que havia de passar, já se vê que Lisboa não pode reixar-se a notar o seu desaparecimento de Portugal.

E depois, cebolório!, ela levou a sumir-se quasi um ano, no segredo das agências de passaportes e manejos dos engajadores.

As escolas móveis do Dr. João de Deus Ramos! Sempre há cada idea!

Esta é dum pedagogo que nem parece ter já soletrado no Terreiro do Paço o *abc* da coisa pública!

São Paulo em 1928 recebeu da Europa 22.829 imigrantes. Mais de metades, 13.465, eram portugueses.



VISADO
Pela Comissão de Censura



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

seara nova

ANO VII

QUINTA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 1928

N.º 132

COMPOSIÇÃO
TIPOGRAFIA DA SEARA NOVA

IMPRESSÃO OFICINAS DO JORNAL
DA EUROPA—RUA DO SÉCULO, 150

Cartas do Brasil

Meu caro Câmara Reys,

QUANDO há perto de dois anos cheguei ao Brasil, vi-me na necessidade de pedir à imprensa carioca que desmentisse os telegramas do *espanhol* Adolfo Rosa, cheios dos maiores insultos aos vencidos da revolução de Fevereiro e a todos os republicanos constitucionais.

O homem protestou, não querendo que o considerassem espanhol, e lá arranjou certidão de idade ou coisa que o valha, para parecer português dos quatro costados, como se algum dia houvesse sido de português de lei insultar os vencidos e lançar à sua honra o habéu da traição que hoje corre mundo com as alcunhas de bolchevismo, ouro da Rússia, soviets, dinamiteiros, anarquistas.

Nos telegramas que a *United Press* mandava de Lisboa para a América, os defensores da minha ideia política, que pelo menos já foi lei em Portugal, e ainda hoje é como tal invocada em documentos oficiais, estavam vendidos ao outro tenebroso de Lenine! A sua réplica trepiquei em *O Globo* do Rio de Janeiro, mandando cópia registada para se publicar na SEARA.

A censura acudiu-lhe, não julgando necessário que eu dissesse para Portugal que os brasileiros e os portugueses do Brasil repeliam as injúrias do Sr. Rosa aos políticos republicanos.

Mais calma e mais confiada a censura esperava certamente que o tempo e o relatório do Ministro Abel Salazar comesçassem a fazer justiça! E *O Globo*, com a minha carta, dava por encerrada a discussão dos telegramas da *United Press*.

Enrabiado por o grande vespertino carioca lhe fechar a porta, usou Adolfo Rosa dum miserável golpe de preto e, torcendo um artigo que eu publiquei na imprensa de Lisboa, mandou para a

imprensa do Rio um *alarmante* telegrama, tentando pôr-me em conflito com os brasileiros, por causa da emigração dos portugueses analfabetos e menores. Não lhe deu resultado a infâmia, e eu tive o prazer moral da justiça que me fez a associação da imprensa do Rio e de S. Paulo, recusando publicidade ao telegrama em que Adolfo Rosa procurava criar-me uma situação insustentável no Brasil.

Por uns tempos se calou o homem. Começaram a tordar-se os ares da ditadura. Já muito boa gente admitia a possibilidade de regressarem a Portugal os tais políticos e militares vendidos ao outro moscovita!

Logo o venêno *espanhol* do Adolfo Rosa se virou contra o Governo militar. Guardei algumas dessas «*comunicações epistolares*», porque elas servirão para no futuro chegarmos a conclusões que vão um pouco mais além da fronteira...

Houve outros pronunciamentos militares, medidas da ditadura contra a febre amarela, uma desinteligência entre *académicos* de Lisboa e Rio de Janeiro.

O camaleão virou a finta-côres! Chamado à ordem, no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, pelo jornalista M. Paulo Filho, escreveu-lhe longa e untuosa missiva dizendo que «*tinha sido iludido pelas autoridades portuguesas e pelos literatos da Academia das Ciências.*»

E, para reforçar esta afirmação, invoca Adolfo Rosa a sua lialdade profissional (profissional, de quê?!), garantindo que só transmite pela *United Press* «*verdades oficiais*!» Veja você o carácter de tal homem profissional que reclamava dos exilados portugueses a categoria de patriota!

Verdades oficiais!

Uma dessas *verdades oficiais* deu azo a um

Cartas do Brasil - censurado pela Comissão Prévia (11/10/1928)



Tudo gente roubada à terra cada vez — mais inculta da Metrópole.

Não é São Paulo, o Estado mais preferido pelo nosso emigrante. Ele procura em primeiro lugar o Rio de Janeiro, depois Pará e Manaus e em terceiro lugar é que vem São Paulo, Baía e Buenos Aires.

Calcule-se por São Paulo a população que abandonou a mãe Pátria *sem preparação nem offício*, e entrou na América para compor com a mão de obra japonesa, italiana, síria, lituana, espanhola e a de tantos outros mais preparados, mais protegidos e melhor conduzidos. O Japão, que tem todos os anos um excedente de população orçado em 700 mil almas, que nota anualmente um fundo de um milhão de Libras para auxiliar a emigração, que tem grandes vantagens de ordem política e internacional em possuir um forte núcleo amarelo no Ocidente, não conseguiu egualar em 1928 a entrada dos portugueses em São Paulo, ficando-se em 11.175 emigrantes.

Vai diminuindo dia a dia o nosso valor em gente e em produção.

Há-de aumentar fatalmente a importação de alimentos, de artigos manufacturados, de matérias primas. Se as comissões de recenseamento militar dos últimos dez anos dissessem toda a verdade que palpavam, o país ficava alarmado e conhecedor da miséria em que as sangrias da emigração o huzeram.

E se há outra guerra?!

Ela não se faz com esquadrões, companhias e baterias de tenentes, mas com regimentos, divisões, de soldados fortes, instruídos, e armamentos aperfeiçoados. De nada vale reorganizar exércitos onde falta o primeiro elemento para eventual mobilização — o soldado.

Que por este caminho, se houvesse de se decretar a defeza de Portugal, a maioria dos homens válidos encontrava-a o meu illustre mestre, senhor Moraes Sarmento, além Atlântico!

Eu digo estas coisas unicamente com o desejo sincero de ser útil à minha terra, como de resto, em consciéncia, nunca ambicionei outra coisa. A Pátria não tem culpa dos erros e desatinos dos que a governam e que sistematicamente parecem apostados, há mais dum século, em abrir à nacionalidade o caminho tormentoso para um futuro de meros acasos da fortuna.

Esticemos antes da guerra para perder as Colónias.

Parece que já ninguém se recorda! Cheguei a ver em Angola o fatídico carro boer da célebre comissão mista das zonas de influência.

Ainda hoje o meu coração de português se sente optimido ante a visão do perigo que só a Grande Guerra e a política inteligente e coerente dos republicanos conseguiram evitar.

Angola era para os alemães!

Para quem será amanhã?

Para o povo que mais depressa dela se apoderar.

Os portugueses podiam efetivar essa posse sem armas nem contendas, com tratores e charruas e a maioria da sua gente de emigração, lembrando-lhe que lá e em Moçambique podem fazer outros Brasis, e que este já é brasileiro há muitíssimo tempo.

Fecho esta carta transcrevendo Mussolini a propósito da *decadência demográfica que ameaça o futuro da Itália*: « Há muitas coisas perigosas na terra: os tigres de Bengala, os mosquitos condutores de malarías. Mas uma coisa as sobrepuja a todas — é o otimismo imbecil ».

Vejo todo o mundo tão contente...

São Paulo, Janeiro de 1928.

SARMENTO PIMENTEL.

F O C H

« O Marechal faleceu quarta feira, 20 de Março, às 17 h. e 45 m. Até ao seu último momento conservou a maior lucidez. Com um ligeiro aceno de cabeça chamou um dos netos que o velavam. »

« Filho — disse-lhe, num suspiro, — o meu último desejo é que nunca vejas a guerra. »

(Dum jornal francês)

Assim morreu, verdadeiramente glorioso, o chefe que nos levou à Vitória.

Em volta do seu cadáver, por milagre das suas últimas palavras, vieram, dos vivos e dos mortos, as almas de quantos, para defender a Liberdade e a Vida, aceitaram o contacto impuro da bruta força e da lama sangrenta. Dos que, numa escravidão que não era totalmente renúncia, aceitaram a morte e subiram calvários. Dos que exigem, em nome das horas inesquecíveis, que o sacrificio infame se não repita mais.

Decerto, aquela hora, pelo amor daquelas palavras, os mortos de todos os exércitos, os mártires de toda a terra, sentiram o sol brilhar mais de ouro sobre as suas campas, nos infinitos cemitérios da terra e das ondas.

Por elas, as mães, sem perdoar, calaram as suas dôres, e as dos seus trágicos receios. A um ritmo mais vivo se embalaram berços. Deram-se as mãos, olhos nos olhos, mais confiadamente, os namorados.

As árvores que viram os combates desesperados acordaram mais cedo, cobertas de gómos ou de flores.

No dia seguinte, sobre a Europa mais livre dos seus remorsos e que ainda espera salvar-se, — rompeu a Primavera. — AUGUSTO CASMIRO.

[Tudo gente roubada à terra...] - censurado pela Comissão Prévias (1/1928)



protesto dos republicanos do Brasil que em telegrama ao governo pediam providências contra as injustíssimas acusações que agências telegráficas faziam a respeito dos honrados homens públicos que serviram o País durante a República Constitucional.

Derrotada outra vez os constitucionais, surge Adolfo Rosa que agora não há probabilidade do nosso regresso a Portugal, nos anos mais chegados, e, para firmar conceito entre a gente do governo, volta a insultar-nos.

Verdade a ditada!

Não, senhor!

Desta vez é apenas com uma *verdade montanhada*:

« Os punhentos ultimamente distribuídos nos quartéis não são da autoria dos monárquicos, mas sim dos adversários da ditadura, escravos do ouro internacional. » U. P. Lix-17-9-928.

A censura deixou passar este telegrama em que Adolfo Rosa informa o mundo inteiro que *nós, os adversários da ditadura, somos escravos do ouro internacional.*

Embora o mundo culto comece a descrer de tanto ouro espoliado pelo opulento soviet no miserável Portugal, eu apelo para a consciência dos censores pedindo-lhes que publicamente me deixem declarar que nunca recebemos dez reis sequer, seja de quem for, para hostilizarmos a ditadura.

No então temos sido grandes privações e o próprio *plão que o Diabo amassou* é ganho com o suor do nosso rosto, chegando, louvado Deus! para repartir com aqueles que ganham menos ou não ganham o bastante para viverem. O nosso escrúpulo e a nossa linha de conduta podem atestá-los os consules portugueses que sabem que os republicanos emigrados não vivem nem de esmolas, nem de empréstimos, nem de dinheiro de procedência incerta.

Nem subscrições pelas portas, nem habilidades pouco dignas ou *atitudes indecentes.*

Podemo afirmar outro tanto aqueles que hoje nos julgam escravos do ouro de Moscovo?

O nosso grande crime foi não sabermos vencer.

Essa falta de inteligência e de coragem se quer, Sr. Rosa, procuramos remediá-la sabendo honestamente e afirmamente ser vencidos.

A ditadura bastam-lhe as armas que tem para se defender e justificar.

Não precisa insultar nem deixar insultar os que ainda ontem eram seus camaradas, muitos dos quais ajudaram a trazer para Portugal honras e glórias e por Portugal e pela República muitas vezes sacrificaram tudo.

Temos essa vaidade, esse orgulho, essa altis-

VISADO
Pela Comissão de Censura

sima honra, que não ocultámos a ninguém, antes a dizemos, sempre com pena de não poder ser mais.

Adversários, presos, no exílio, vencidos, somos portugueses e não traidores, escravos do ouro internacional como um Adolfo Rosa qualquer anda por aí a dizer ao mundo inteiro por conta duma agência estrangeira.

Eu tenho vaga ideia dum Rosa que andou pela África e pelo Brasil ao tempo da Grande Guerra... Mas nas colunas da *SEARA* não cabem contos tão largos.

Seu am.º ceto

SARMENTO PIMENTEL

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Luís Manuel de Sousa

O Sr. Luís Manuel de Sousa, cuja morte deploramos com viva saudades, era o tesoureiro da Universidade Livre e um dos mais entusiastas e perseverantes organizadores e propulsores desta bela instituição, a par do Sr. Alexandre Ferreira e de alguns outros devotados propagandistas da educação popular.

A Universidade Livre e aos seus directores, deve a *SEARA NOVA* uma generosa hospitalidade e uma solidariedade constante que muito nos penhoram. Na figura, aparentemente modesta mas de tão alto relevo moral, do Sr. Luís Manuel de Sousa, tínhamos um amigo sincero, de mais desvelada delicadeza e dedicação.

Compreendendo quanto o Sr. Alexandre Ferreira perdeu com a morte do seu amigo e colaborador, acompanhamo-o sinceramente na sua mágoa, assim como a todos os nossos amigos da Universidade Livre.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Os franceses alvejam o fim do ducho franco-alemão acerca do desarmamento. Mas, como vêem quanto a Alemanha toma esse problema a sério e querem utilizar-se dessa arma do desarmamento geral, que é a mais ameaçadora para a hegemonia militar da França na Europa, há-de-se lentamente uma nova campanha, destinada a lançar suspeitas sobre a República alemã e as disposições pacíficas dos seus cidadãos.

Kölnische Volkszeitung, 26-9-928.

[...protesto dos republicanos do Brasil...] - censurado pela Comissão Prévia (26/9/1928)

Exílios

O tal *herói* de guerras e revoluções, de Espadas de Honra e Torres e Espadas, Valor Militar, e comando de *boers* e outras loas, marchou direitinho, sem botas altas e sem esporas, sem galões e sem pangaréu, a pé e de casaco ao ombro, por esse mundo do Comércio e da Indústria, como qualquer outro pacatíssimo burguês e pai de filhos.

Memórias do Capitão

Integrado nos movimentos europeus de luta contra o fascismo, o exílio português que resultou das oposições à ditadura, delimita-se cronologicamente em dois grandes períodos com características ideológicas e geográficas distintas. O primeiro, após o 26 de maio de 1926, despoletado pela revolução de fevereiro de 1927, foi empreendido sobretudo por republicanos que se dispersam, na sua maioria, pela Europa. Uma das exceções é João Sarmento Pimentel, que se dirige, após uma curta estadia na Galiza, ao Brasil. Os primeiros exilados pertencem fundamentalmente ao Partido Democrático, à Acção Republicana, à Seara Nova e à Esquerda Democrática.

O segundo grande período do exílio coincide com a Segunda Guerra Mundial e leva opositores de diversas convicções ideológicas para o Brasil, o que se espelha no epistolário do *Capitão*. Aí se configura o núcleo central das oposições políticas, com velhos republicanos, anarquistas e comunistas. Sarmento Pimentel torna-se o anfitrião por excelência dos exilados, considerando a posição que já tinha alcançado na comunidade portuguesa daquele país.

Exilados na Europa

Motivos como a existência de Ligas Republicanas nos países de acolhimento, a propaganda internacional e a falta de meios para a sua efetivação, a contribuição dos exilados nesse empreendimento, dominarão os assuntos epistolares. Enquanto em França surge a Liga de Paris, no Rio de Janeiro Sarmiento Pimentel cria a Liga Pró-Republicana Constitucional e em São Paulo, a Liga Republicana. A necessidade de unidade nas discordantes correntes ideológicas será uma preocupação durante todo o período de ditadura. Ao longo do regime ditatorial, a falta de unidade entre os opositores será provavelmente o maior obstáculo à sua queda.

Para fazer face à vulnerabilidade dos exilados, será criado um cofre de assistência cujo mentor, da margem brasileira, é Sarmiento Pimentel, que trata de enviar as quantias reunidas a António Sérgio. A compra de armamento e a propaganda antissalazarista, durante os primeiros anos de Ditadura Militar, serão também desígnios para a angariação de verbas. A propaganda internacional assume grande importância, pois a ameaça de denúncia da de violação de direitos humanos perante a Organização das Nações Unidas, compromete o empréstimo financeiro requerido pelo governo.



António Sérgio e Sarmiento Pimentel



482 1
Paris, 16 de Outubro de 1927

Meu querido Sarmento Pimentel

Segue por este correio o officio à Liga dos Republicanos de af. Imagine que eu supunha que ele já tinha seguido há muito tempo! Quando cá chegou o vosso, estavam dispersos os membros da nossa Junta Directiva (Afonso, Avvaro de Castro, José Domingos, Cortesão e eu): Afonso em Hendaya, eu no Mont-Dore, etc. Por meados de Setembro, encontrámo-nos em Paris, tomámos conhecimento official colectivo do vosso officio, e encarregámos o secretário (dr. Felipe Mendes) de enviar a resposta, mas ele esqueceu-se. Escusa de dar este íntimo pormenor aos seus colegas de af, ao que supponho: bastará dizer, creio, que estivemos dispersos muito tempo.

Recebida a sua de 24 de Setembro. Transmitti aos da Seara e ao Afonso, conforme seu desejo, o que diz sobre o Ribeiro de Carvalho. O Jaime da Morais não está aqui. Peça ao Ribeiro de Carvalho que procure entender-se com o chefe da nossa organização militar, que ele deve saber quem é, e que com certeza admira e respeita. É o verdadeiro caminho. A Pátria está em perigo. Os ditadores têm escocceado por todos os feitios a Inglaterra, opondo-se a toda a lógica e tradição da nossa politica externa, para se voltarem para a Espanha e Alemanha. Resultado: a Inglaterra está-se entendendo com a Espanha, largando-lhe Portugal, para a Espanha o ir roendo. Oprimia dizer af em qualquer jornal que, enquanto a Liga Republicana se mantém fiel à tradição da nossa politica externa, de aliança com a Inglaterra e amizade com a França, o governo da ditadura mostra por todos os feitios a sua hostilidade à Inglaterra. O ministro das colónias, João Belo, não responde às notas da Grã-Bretanha, e, quando responde, é de maneira incorrecta e até insolente; o nosso embaixador em Londres teve a idéa pateta de "ameaçar" a Inglaterra com a denúncia e terminação da aliança, e o ministro dos Estrangeiros português tem por máxima: "é preciso esmagar o leopardo britânico".

Carta de António Sérgio a Sarmento Pimentel (Paris, 16/10/1927)

Escreva-me as minhas últimas cartas, e envie os livros do Guillaumard, para a rua Chile, conforme o timbre do papel em que me escrever. Rogo-me que desfaça como puder essa trapalhada, pois vejo que nesta sua última carta indica o endereço antigo: rua de São Pedro.

Que tal lhe parece o livro do Guillaumard? Mande uns poucos para o Alvaro Pinto, além dos que lhe remete a si. O jornalista francês, para cuja viagem a Portugal lhe pedi que procurasse arranjar algum dinheiro, já foi e já voltou, com dinheiro que pedimos emprestado e que estamos agora tratando de pagar, com dádivas conseguidas aqui e ali. Se puderem vir com efeito os 1.800 francos de que me falei, será uma grande ajuda. A falta de dinheiro para propaganda tem sido uma das nossas maiores inferioridades. Dentro de pouco começará ^{tal} o jornalista a sua campanha no "Quotidien". Procurarei depois obter dinheiro para ^a fazer publicar em volume. Como sabe, a opinião do estrangeiro tem sempre peso e faz impressão em Portugal.

Adens. Escreva ao Ribeiro de Carvalho. Um grande abraço do seu

Antonio Sergio

O meu endereço preferível, é sempre o mesmo, (qualquer que seja o timbre do papel em que lhe escrever, pois sou homem de muitos officios):

222, Boulevard Saint-Germain, Paris (7^e)



Galiza: a Esperança Defraudada

Numerosos patrícios que ali encontrei tinham no semblante a inquietação e a tristeza de quem se vê longe da sua terra e dos seus, suportando aquele desconforto do exílio, ‘sem eira nem beira nem ramo de figueira’, vivendo ao ‘Deus dará’, com o pãozinho minguado dos correligionários...

Memórias do Capitão

É com confiança que Sarmiento Pimentel volta ao Norte de Espanha para se juntar às forças de oposição à Ditadura Militar, em 1931, presumindo a reposição da República. Porém, a tentativa de derrubar o Regime fracassa e a esperança de liberdade é defraudada, sobretudo por rivalidades entre grupos opositores.

Na perspectiva dos desterrados na Galiza, uma nova revolução não iria ocorrer tão cedo, até que estivessem reunidas as condições, os recursos fundamentais para nova revolta. Uma parcela mais precipitada, compreendendo Ultra Machado e Sarmiento de Beires, antecipou a rebelião para 26 de agosto, da qual se ausentaram, por ignorância, tanto os núcleos conspirativos onde se incluía Sarmiento Pimentel, como outros do próprio interior do país. A sublevação iria assumir contornos marcadamente populares, mas a falta de harmonização com outras redes de conspiração atiraria muitos opositores para a prisão e desterro, bem como afastaria qualquer hipótese de triunfar. Sarmiento Pimentel voltará ao Brasil, país onde irá residir durante toda a sua vida.



Sarmiento Pimentel com a Família (Galiza, 1931)



José de Mascarenhas e Sarmento Pimentel (Galiza, 1931)

Não fôramos prevenidos nem convidados para participar daquela revolução, feita, evidentemente, por quem queria antecipar-se e sobrepor-se à organização dum movimento nacional para o qual estava comprometida a maioria do Exército e da Marinha.

Memórias do Capitão

O Brasil como núcleo das oposições

O Centro Republicano Português de São Paulo

“Procurámos organizar qualquer coisa que contribuísse para alfabetizar a colónia portuguesa, que na sua maioria não sabia ler nem escrever. Fundámos uma escola”.

*Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída:
Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das
'Memórias do Capitão'*

No fim dos anos 20, Sarmento Pimentel assume a direção do Centro Republicano Português em São Paulo, criado em 1908. Aí celebrará ao longo dos anos, com os seus correligionários, o 5 de Outubro. As comemorações da implantação da República assumem então, e em particular para os renegados da Revolução de Fevereiro de 1927, o símbolo primordial da liberdade e democracia. Esta organização é, nesse período, o principal centro de combate à ditadura portuguesa no Brasil, mas também instrumento de escolarização dos emigrantes, responsável pela fundação de escolas gratuitas para portugueses desprovidos de recursos.

A II Guerra Mundial precipitou a vinda de exilados portugueses para a América do Sul, em particular para o Brasil. Ao longo dos anos de ditadura, a necessidade de ultrapassar barreiras ideológicas entre os opositores tornou-se uma evidência. Fechado em 1944, o CRP retomou a sua atividade nos anos 50, sob o impulso da abertura do jornal *Portugal Democrático* numa das suas salas. No mesmo ano, é criado o Comité de Intelectuais Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão (CIAPPLE), representado por Sarmento Pimentel. Estes três organismos irão funcionar em articulação, tornando-se o núcleo de concretização de tarefas com vista à contrapropaganda do regime salazarista.



Sarmento Pimentel (S.Paulo, 5/10/1966)



Adolfo Casais Monteiro (S. Paulo, 5/10/1966)



Castro Soromenho (S.Paulo, ca 1960)

698

THE
Western
TELEGRAPH COMPANY, LIMITED

EM LIGAÇÃO COM A WESTERN UNION PARA A AMÉRICA DO NORTE E COM A
CABLE AND WIRELESS LIMITED PARA O RESTO DO MUNDO

CIRCUITO, NÚMERO, HORA DE TRANSMISSÃO E TELEGRAFISTA -CARIMBO- THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY LIMITED São Paulo - 6 OUT. 1957 Rua 15 de Novembro 251 INDICAÇÕES	PALAVRAS HORA	TAXA Q. PREV. TOTAL
---	----------------------	-----------------------------------

Categoria L T
 Endereço PROF. DOUTOR JAIME CORTEZAO
 JOAQUIM CASIMIRO 62 - PRIMEIRO - DIREITO
L I S B O A

PORTUGUESES LIVRES REUNIDOS - SÃO PAULO JANTAR ANUAL COMEMORATIVO
 DATA NACIONAL CINCO OUTUBRO SAUDAM EFUSIVAMENTE NA PESSOA VEZA
 TODOS COMPATRIOTAS AI CONTINUAM EMPENHADOS ARDUA LUTA RESTABELEC-
 MENTO PREEROGATIVAS DEMOCRÁTICAS INDISPENSÁVEIS REALIZAÇÃO ELEIÇÕES
 LIVRES NOMEADAMENTE LIBERDADE IMPRENSA E REUNIO PT CONGRATULAM SE
 EM ESPECIAL TRIUNFO FINALMENTE OBTIDO PONTO VISTA UNANIME COMPA-
 TRIOTAS EXILADOS IMPOSSIBILIDADE QUALQUER COLABORAÇÃO COM GOVERNO DIT-
 DURA PSEUDO LEGAL VIGENTE NOSSO PAIZ PT MANIFESTAM PORTANTO SEU
 IRRESTRITO APOIO DECISAO AGORA AI TOMADA OPOSITO NEGANDO SE CONTI-
 NUAR PARTICIPANDO FARSA ELEITORAL SALAZARISTA SAUDAÇÕES DEMOCRÁTICAS

PRESIDENTE DA MESA
 JOAO SARMENTO PIMENTEL

Nome do transmissor: CAP. João Sarmento Pimentel
 Endereço: R. Itacalomi, 258 - Itaquera - São Paulo - SP - Telefone: 51.3807
 Nº da Conta-Corrente:

Peço que este telegrama seja transmitido de acordo com as condições especificadas no verso deste formulário, com as quais concordo.

CHAMA-SE A ATENÇÃO PARA A NECESSIDADE DE ESCREVER LEGIVELMENTE.

Telegrama a Jaime Cortesão (S.Paulo, 6/10/1957)

Portugal Democrático: **Um Jornal Livre de** **Censura**

“Publicava-se então o ‘Portugal Democrático’, órgão de grande prestígio dos emigrados políticos, que era lido por toda a gente”.

*Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída:
Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das
‘Memórias do Capitão’*

O *Portugal Democrático* nasceu em 1956, da iniciativa dos comunistas Victor de Almeida Ramos e Manuel Ferreira Moura² com o apoio de Sarmento Pimentel. Durante os seus dezanove anos de existência, o jornal converteu-se em movimento oposicionista ao Salazarismo, congregando diversos matizes ideológicos e tornando-se a única publicação livre de censura que expunha a face proibida da ditadura portuguesa. Tal movimento, que na sua fase inicial era apenas resistência unificada, passa a constituir um instrumento para a formação da opinião e interligação a outros núcleos de resistência estrangeira, como os Movimentos de Libertação Nacional africanos.

A sua redação foi, em 1958, ocupar uma sala do Centro Português Republicano, constituindo novo alento na revitalização daquela organização. Sistemas de exclusão e privilégio, censura, prisões e tortura praticadas pelo poder dominante português foram regularmente divulgadas através desta publicação um pouco por todo o mundo. Embora livre de censura, mediante o compromisso de silenciar assuntos políticos brasileiros, o *Portugal Democrático* foi vigiado pela Polícia do Estado ao longo da sua existência. A sua associação, no fim dos anos 50 e anos 60, ao Centro Português Republicano, ao Comité de Intelectuais e Artistas Pró-Liberdade de Expressão e à União Democrática Portuguesa, contribuirá para uma oposição sistemática ao Estado Novo.

A partir destas entidades, lideradas pelo “Comandante”, constituíram-se e consolidaram-se relações entre o núcleo interno e outras frentes oposicionistas ao regime. Delas surgiram diversas iniciativas, apoiadas por uma elite da sociedade civil brasileira, como a Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal.

² E também: João Sarmento Pimentel, Francisco Sarmento Pimentel, Jaime Cortesão, Carlos Assumpção Neves, Joaquim Duarte Batista, Adolfo Casais Monteiro e Maria Archer.

Este boletim, separado do numero de junho de "Portugal Democratico" é uma iniciativa do "Centro Republicano Português", do "Comitê dos Intelectuais pró Liberdade de Expressão em Portugal" e do jornal "Portugal Democratico".

CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA
OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS
E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL
(em organização)

CONFERENCE EUROPEENNE OCCIDENTALE
POUR L'ANISTIE DES EMPRISONNES ET DES EXILES POLITIQUES DE PORTUGAL

RESOLUTION

La Conférence des pays occidentaux pour l'anistie des emprisonnés et des exilés politiques de Portugal a eu lieu à Paris du 15 au 17 juin 1961. Elle a été présidée par M. Jean-Marie LANGE, député français. Les participants ont adopté une déclaration de principes et ont élu une commission d'organisation pour la tenue d'une conférence internationale à Lisbonne en 1962.

LES PARTICIPANTS

FRANCE	ALGERIE	ESPAGNE	PORTUGAL
M. Jean-Marie Lange	M. René Bouchon	M. José de Sá	M. António de Almeida
M. Pierre Laroche	M. Jacques Bouchon	M. António de Almeida	M. António de Almeida
M. Jean-Marie Lange	M. Jacques Bouchon	M. António de Almeida	M. António de Almeida

LES OBSERVATEURS

BRÉSIL	ARGENTINE	CHILE	URUGUAY
M. João de Deus	M. Carlos de Deus	M. Carlos de Deus	M. Carlos de Deus
M. João de Deus	M. Carlos de Deus	M. Carlos de Deus	M. Carlos de Deus

LES INVITÉS

ALLEMAGNE	ITALIE	NETHERLANDS	SWITZERLAND
M. Hans-Joachim Lauth	M. Carlo Azeglio Ciampi	M. Hans-Joachim Lauth	M. Hans-Joachim Lauth
M. Hans-Joachim Lauth	M. Carlo Azeglio Ciampi	M. Hans-Joachim Lauth	M. Hans-Joachim Lauth



Cartas de Clovis Graciano para a conferência da anistia em Portugal.

DELEGAÇÃO DOS PORTUGUESES EXILADOS NO BRASIL

BOLETIM N.º 1 — JUNHO DE 1961

Fac-simile das Listas de Apoio à realização, ainda em 1961, de uma Conferência da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos Exilados Políticos de Portugal.

Pela Democracia em Portugal

Pronunciamento de portugueses exilados no Brasil

Recebemos do sr. capitão João Sarmento Pimentel, como primeiro signatário, o seguinte documento "redigido e subscrito por personalidades portuguesas exiladas no Brasil há longa data", que constitui um parecer e uma contribuição para a concretização de alguns dos pontos focalizados no "Plano de Democratização da República", recentemente divulgado em Portugal, conforme noticiamos na oportunidade.

O original daquele documento foi remetido, em quatro vias, aos srs. drs. Mario de Azevedo Gomes, Manuel João da Palma Carlos, Antonio Cortezão e João Pedro dos Santos. Informou-nos, ainda, estar sendo providenciada uma ampla divulgação dele em todo o País, por meio de volantes impressos e remetidos do Brasil para Portugal e colônias.

Portugueses democratas em exílio no Brasil, conscientes do caráter secundário da sua posição em relação à luta que se trava, na metrópole portuguesa, pela libertação da Pátria; tendo em conta o programa-plataforma assinado por 61 personalidades da Oposição interna; mas cientes da responsabilidade que lhes incumbe como personalidades libertas das sujeições trágicas que, em Portugal, impedem de falar claro; e cientes ainda do papel que representam como consciência da Pátria, entendem sua irrestrita obrigação declarar o seguinte:

I — É dever inadiável dos dirigentes da Oposição formular, imediata e sucintamente, as bases mestras da profunda transformação que terá de operar-se na sociedade portuguesa. Transformação que terá de ser, não só política, como económica e social, e assentar inteiramente na plena soberania e liberdade do Povo português.

II — Nesta conformidade, sugerem que a Oposição se comprometa perante o Povo a:

- 1) — Suprimir a organização fascista do Estado destruindo as bases em que ela assenta: censura, polícia política, tribunais de excepção, campos de concentração em qualquer ponto do território nacional ou ultramarino, discriminação de qualquer espécie e sob quaisquer formas no exercício das liberdades fundamentais;
- 2) — Transformar progressivamente os organismos corporativos, instrumentos do monopolismo económico, em órgãos de fiscalização democrática das actividades vitais do país;
- 3) — Garantir, em todos os escalões da administração pública, a redemocratização do país, mediante eleições que coloquem, nas mãos dos democratas, as juntas de freguesia, os municípios, os sindicatos;
- 4) — Promover a eleição de uma Assembleia Constituinte, composta por representantes do Povo os quais serão eleitos por sufrágio directo dos cidadãos maiores de idade sem discriminação de raça, sexo, religião, credo político ou grau de instrução, e da qual emanará a nova e digna Carta Magna da Nação, e um Governo Nacional verdadeiramente

representativo; e garantir, outrossim, a livre formação e actividade de partidos políticos sem quaisquer discriminações ideológicas.

- 5) — Pôr imediatamente termo à guerra colonial, reconhecendo solenemente o direito dos povos subjugados a dispor livremente dos seus destinos, e salvaguardando outrossim, mediante negociação, e com a garantia internacional, os interesses portugueses, se essa garantia internacional for considerada necessária por qualquer das partes.
- 6) — Reformar a política fiscal vigente, introduzindo um imposto realmente progressivo e que incida especialmente no capital improdutivo;
- 7) — Incentivar por todos os meios a industrialização do país e o pleno aproveitamento de todos os seus recursos: agrários, mineiros, energéticos, fabris, etc.
- 8) — Redemocratizar as Forças Armadas, por forma a que ellas se tornem a mais firme garantia de estabilidade da ordem democrática;
- 9) — Denunciar inequivocamente o Pacto Ibérico, que um Governo Democrático poderá negociar em novas bases com uma Espanha democrática, como texto-base da estabilidade política da Península;
- 10) — Declarar a sua fidelidade à Carta das Nações Unidas, aos tratados e acordos internacionais existentes, cuja letra e cujo espirito respeitem inequivocamente a soberania do Povo Português e denunciar imediatamente, considerando-os nulos e sem valor, todos os outros.
- 11) — Realizar uma intensa e vigorosa campanha para a reintegração, na verdade democrática, dos núcleos de portugueses dispersos pelo mundo;
- 12) — Estabelecer as linhas mestras de uma sã política financeira, reajustando a moeda e fiscalizando a concessão dos mais largos créditos;
- 13) — Firmar todos os contactos necessários à manutenção e ampliação de mercados para os produtos portugueses;

- 14) — Rever, por acordo com o Brasil, o Tratado de Amizade e Consulta, e regulamentá-lo por forma a proteger adequadamente a democracia portuguesa;
- 15) — Remodelar inteiramente, eliminando do serviço ativo todos os elementos notoriamente fascistas, os quadros do pessoal diplomático e consular;
- 16) — Restabelecer o direito de greve, e garantir a todos os portugueses o direito ao trabalho, dignamente remunerado à habitação condigna, à educação; e promover imediatamente a revisão de salários, mediante negociações entre os representantes, livremente escolhidos, dos trabalhadores e das entidades patronais;
- 17) — Redemocratizar integralmente os serviços publicos, demittindo ou aposentando todos os elementos que devam à política do Estado Novo as posições de comando administrativo, e abrindo concurso para o preenchimento das respectivas vagas;
- 18) — Estudar e promover a reforma integral, em todos os escalões e especialidades, do Ensino, começando por eliminar das Universidades todos os que devam as suas cátedras mais à subversão que à competência;
- 19) — Restabelecer a total independência mútua dos poderes executivo, legislativo e judicial, garantindo ao exercício da justiça toda a dignidade de que as privaram decretos iníquos a revogar imediatamente;
- 20) — Reintegrar imediatamente todo o funcionalismo civil ou militar que trinta anos de ditadura privaram dos seus direitos ou da hierarquia que lhes caberia;
- 21) — Abrir inquéritos para a elucidação da opinião pública nacional e internacional acerca dos crimes de várias naturezas cometidos pelos próceres do regime, seus serventuários e seus beneficiários;
- 22) — Tornar a Rádio e a Televisão verdadeiramente nacionais, abertas equitativamente à expressão de todas as correntes de opinião;
- 23) — Manter rigorosamente a ordem publica, sem prejuizo do pleno exercício das liberdades fundamentais de associação, reunião e manifestação;
- 24) — Fiscalizar, através de organismos competentes, qualquer criminosa tentativa de fuga de capitais ou de divisas, ou qualquer conspiração bancária que pretenda pôr em perigo a democracia;
- 25) — Prometer solenemente ao Povo português que, em circunstancia ou caso algum, entrará em combinações de transição com elementos afetos à situação vigente, comprometendo assim a integridade e a pureza dos ideais democráticos;
- 26) — Jurar que, por todos os meios ao seu alcance e com sacrificio da própria vida, lutará para que jamais a democracia e a liberdade voltem a ser ameaçadas por representantes obsoletos de uma tirania secular, inimigos de um Povo a que não merecem pertencer.

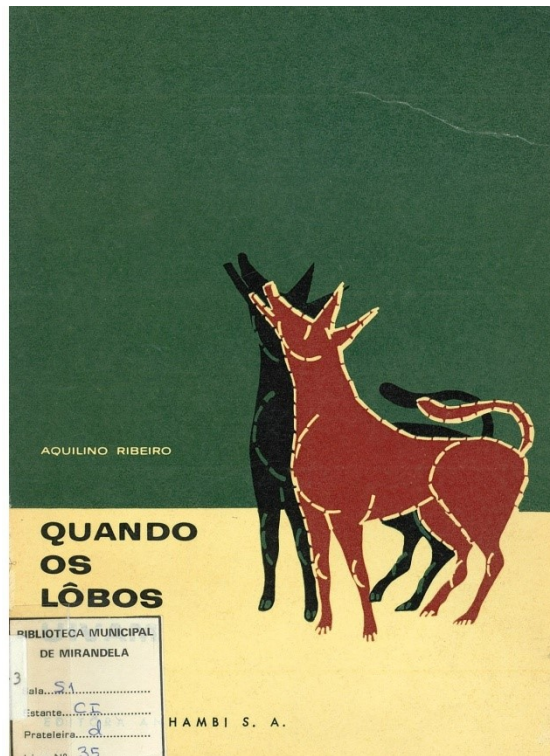
Portugal Democrático – a Defesa de Aquilino Ribeiro

Uma das denúncias do jornal *Portugal Democrático* foi a abertura de um processo a Aquilino Ribeiro baseado na censura do livro *Quando os Lobos Uivam* (1958). A narrativa de Aquilino enunciara a dependência da população do usufruto dos terrenos comunitários, tocando na questão do mau ordenamento dos baldios, retirados às comunidades pelo governo.

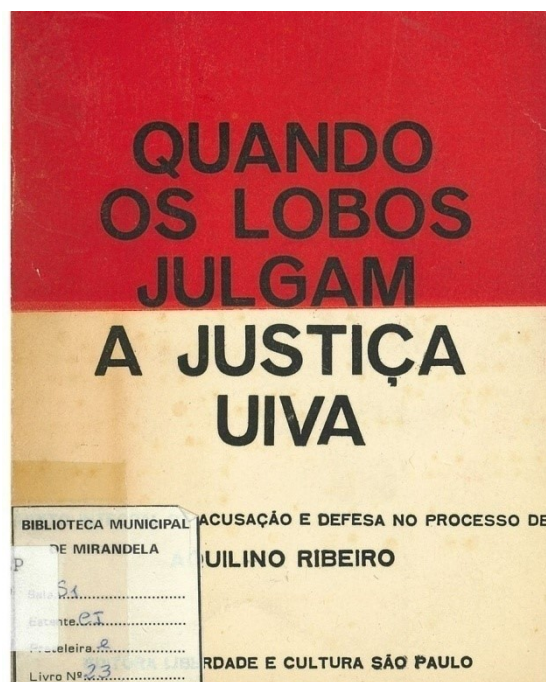
Casais Monteiro, no Brasil desde 1954, assume publicamente a defesa de Aquilino com a obra *Quando os Lobos Julgam a Justiça Uiva*. Inaugurada por esta publicação, Liberdade e Cultura foi uma editora criada pelo núcleo opositor para dar voz à oposição antissalazarista. Pretendia-se contagiar o Brasil com a defesa desta causa, sensibilizando intelectuais e jornalistas e propagando a questão pela imprensa brasileira. A Separata do *Portugal Democrático* “Quando os Lobos Uivam”, um dos documentos de denúncia, é publicada com a colaboração de opositores portugueses e brasileiros. Aquilino é amnistiado em 12 de novembro de 1960.



Aquilino Ribeiro



Quando os Lobos Uivam - Aquilino Ribeiro



Quando os Lobos Julgam a Justiça Uiva - Adolfo Casais Monteiro

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

QUANDO OS LOBOS JULGAM

SEPARATA DO NÚMERO DE DEZEMBRO DE 1959 DO "PORTUGAL DEMOCRÁTICO" COM A COLABORAÇÃO DO "CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS" E DO "COMITÉ DE INTELLECTUAIS E ARTISTAS PORTUGUESES PRO-LIBERDADE DE EXPRESSÃO"

Portugal Democrático - as “Opiniões Insuspeitas” de Sarmento Pimentel

Portugal Democrático, o jornal dos exilados políticos, debateu temas como as Guerras de Libertação de África, a candidatura de Humberto delgado, o assalto ao navio Santa Maria e o processo de Aquilino Ribeiro. Na sua produção e circulação participaram individualidades com as mais distintas profissões, entre intelectuais, operários e industriais. O jornal beneficiou, ao longo dos seus dezanove anos de existência, de posições ideológicas distintas. Enquanto Joaquim Barradas de Carvalho preenchia regularmente a coluna “Obscurantismo Salazarista”, na corrente republicana, Sarmento Pimentel contribuía com a coluna “Opiniões Insuspeitas”.

OPINIÕES INSUSPEITAS PRESUNÇÃO E AGUA BENTA...

Com. JOÃO SARMENTO PIMENTEL

Os jornais portugueses (vid. "O Seculo, de 30/6/64) e alguns do Brasil fizeram-se eco de artigo do "Izvestia", de SUA EXCELENCIA o exilado politico que, anos atraz, por vias diplomaticas se livrou de alguns meses de hospedagem no Aljube, causa de somenos da liberdade salazarista.

As noticias bem podia ser aldabrice da Pide para desmoralizar quantos são contrários ao regime totalitario e lutam pela reimplantação da Republica em Portugal já que nesse artigo o autor se intitula "Chefe da Oposiçào".

Mas pior, foi o local dum grande diário paulista que não tem a aperia-lo o aziar da censura e nunca morreu de amores pela ditadura reinol, antes a vem combatendo desde 1928, dando guarida às declarações desse Pintão da ninhada salazarista e àquela vaidade tola que o mesmo exhibe a proposito disto e daquilo, e pondo no caso que referimos versão ainda mais ridicula, cuja é, nem mais, nem menos o dito emigrado declarar textualmente, "A Oposiçào portuguesa, da qual sou a cabeça...".

A verdade é muito outra e só ao Estado Novo convem que todo o mundo a ignore e mais ainda Portugal, já que o sargento, estrelado por obra e graça do famigerado Cabo Costa, não presta nem para chefe da esquadra da Policia do Bairro onde residiu.

Quanto ao cabeça, só de alguns comunas marca barbante que, armados de bacamarte de bôca de sino, fundam por ai fazendo uma guerrinha desmoralizadora a todos os valores reais da Democracia portuguesa, no intuito de prolongarem a vida do moribundo salazarismo até que esse Fidel apalhaçado possa entrar triunfante na Cubinha mambemba.

Muito degradou Portugal e o povo português uma inquisitorial ditadura de quase quarenta anos, mas não tanto que quando voltar a liberdade, a Republica a ser governo, seja escolhido para presidir os altos destinos da Nação um caserheiro prepotente, cuja característica dominante é a ingratidão, e durante o exilio as notabilizou enviando aos portugueses emigrados no Brasil a celebre Direto... N.º 6, onde ele nos recomenda que, se aparecer em publico, todos devemos gritar: Humberto! Humberto! Humberto!

ACREDITE, SE QUIZER

Das memorias do ministro da Instrução, dr. Pires de Lima constará, se foram completas, o seguinte episodio: o reitor do liceu de Castelo Branco, vendo que o edificio escolar já não comportava o numero de alunos matriculados, propoz ao ministro a construção dum novo pavilhão.

Pires de Lima concordou com o reitor e levou o assunto à decisão do ditador.

Este exarou no processo o seguinte despacho: "SUPUS QUE O SNR. MINISTRO ESTAVA MAIS INTEGRADO NA POLITICA DO ESTADO NOVO. FECHAR UM LICEU, SIM, AUMENTA-LO, NUNCA".

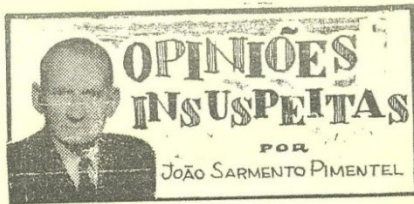
Mas há mais e melhor como prova evidente daquele amor paternalista de Salazar pela Instrução.

Está no "DIARIO DE LISBOA" de 22 de Julho de 1964; donde se transcreve: "o tema não é novo". Ocupamo-nos dele há dias com relação aos engenheiros mecanicos que se formam sem ter frequentado uma única aula pratica. Parece, porém, que a anomalia se verifica noutros estabelecimentos de ensino e relativamente a outros cursos. No Instituto Industrial, por exemplo, duas turmas não tiveram, no 2.º Ano do curso, durante o ano letivo findo, professor de desenho. Outros foram felizes, pois não lhes faltou quem lhes ministrasse o ensino dessa disciplina.

Para aqueles, que durante o ano não tiveram professor, foi determinado anteriormente que se considerassem aprovados no exame, sem fazerem a menor idêia das materias que o programa exigia.

Acontece, porém que os alunos de outras turmas a que não faltou professor tiveram de prestar provas finais, que para alguns deles se traduziram numa bonita raposa".

E digam agora os senhores intelectuais, antisalazaristas, que Salazar, em materia de Instrução, não é capaz duma decisão salomônica!



OPINIÕES INSUSPEITAS POR JOÃO SARMENTO PIMENTEL

VAGA ESPERANÇA
E' possível que no senhor General Craveiro Lopes, quando entrar no magistoso atrio da Casa de Portugal para receber, como Presidente da República Portuguesa, as homenagens dos seus patriotas, ocorra a seguinte pergunta:

Quem teve a ideia deste padrão à nossa Grei?
Sim, porque desde o nome Casa de Portugal — até ao alto sentimento de patriotismo que congregou tantos portugueses, tantas e tão generosas e persistentes vontades, para se erguer na capital bandeirante este palácio imponente, existiu um precursor, a alma mater do espirito tornado realidade palpavel e na sua traça lustrada, proporções, fins a que se destina, afirma o prestigio, o carácter inconfundivel e até o orgulho da nossa gente.

E essa afirmação lustrada começou como a do Evangelho — "In principio erat verbum" — assim fez, quatro séculos antes, quando Navega subiu o planalto.

Ali dentro se revigora, como num templo, a fé que se alicerça nos destinos imorredouros da nacionalidade e presta culto à Pátria distante e à Liberdade. Ali se venera com respeito e gratidão os nossos maiores, e lá como é da velha tradição portuguesa, um patrono — o Infante Navegador — com a sua Ordem Honorifica, e outras confrarias para as Festividades de devoções paralelas, todas a elevarem, conduziram para um mesmo fim — desejo sincero de bem servir Portugal e o Brasil.

Assim falará o anfitrião ao illustre visitante. Assim e até com maior persuasão e muita eloquência, quando percorrerem as capelas votivas do templo augusto, desde o Consultado e a Cãmara de Comércio até à TERTULIA ACADEMICA e à BIBLIOTECA RICARDO SEVERO.

— Bibliotecário Ricardo Severo? Interrogará o general Craveiro Lopes.

— Exactamente, senhor General. Esta foi a homenagem que nos julgamos melhor à memória do grande patriota idealizador da nossa Casa de Portugal. Ele está sempre presente na nossa saudade e na nossa gratidão não apenas como precursor, mas como cientista de fama internacional, e patriota e escritor que fundou e dirigiu a "Portugália", o autor desse brevíssimo que resume e ensina aos nossos filhos, e aos nossos netos brasileiros as "Origens da Nacionalidade Portuguesa".

— Ah, sim. Agora me lembro. Ricardo Severo não é aquele do busto que, não faz muitos anos, se inaugurou na Sociedade de Geografia?

— Esse mesmo, Senhor Presidente, esse mesmo. E que grande democrata, que português batuta! Nesta altura o Soares puxa a aba da casaca do chefe. Na verdade, batuta não é muito protocolar, e Pereira Queiroz, percebendo o aviso tom esta saída, filha, como tantas outras, dumha esperança oportuna:

— Aqui o nosso secretário está mais ao par do assunto e até aproveitará a maré para apresentar a Va. Excia. uma queixa que traduz a mágoa de todos os portugueses de São Paulo, queixa e reivindicação das mais justas.

O Senhor General não pôde furta-se à sua função que o secretário vai explicar.

— Sentam-se à mesa que foi a banca de trabalho de mestre Ricardo Severo. A luzida comitiva fica em volta, silenciosa e atenta.

Soares abre a volumosa pasta e entrega ao General Craveiro Lopes vários opúsculos que são conferências de Ricardo Severo e aquele da homenagem que lhe prestaram em São Paulo em 1935. Depois, sem mais preâmbulos, começa assim:

"Eu, como sempre, interpreto o pensamento da Directoria da Casa de Portugal. Nesses opúsculos, Senhor Presidente, está uma pequena parte da obra patriótica realizada por um dos maiores e mais illustres portugueses que viveram nesta cidade, ainda hoje

nosso orientador e exemplo de civismo para todos os portugueses. Seguir a sua doutrina democrática, realizar o que a sua inteligência e amor a Portugal aconselha, é um dever sagrado para quantos, como nós todos ambicionam a Liberdade e a República. Ele interpreta o sentir e as mais nobres aspirações do povo a que nos orgulhamos de pertencer. O seu vasto saber, o prestigio que adquiriu a obra que realizou como engenheiro, as conferências de divulgação científica, de História, de Política, mostram o padrão da alta cultura que possuía, a inteligência e um coração ao serviço da Pátria. Pelo tanto que lhe devemos e porque a fidelidade da sua attitude enriquecem o patrimonio moral e espiritual da grei, tivemos profundo desgosto e recebemos como ingratitude feita à Casa de Portugal, a inqualificável attitude do autorizador para o busto em bronze de Ricardo Severo ser colocado na sede da Sociedade de Geografia. Eu datilografei o officio que justificava aquella oferta. Havemos de acreditar que a consagração do illustre patriota causava inveja ao ditador, convencido talvez, que só se merecia homenagens e delias tinha monopólio, como ainda hoje certos senhores monopolizam o patriotismo, os direitos, proventos e honras de portugueses, e ele sozinho o Governo da Nação.

Confirmando o que dizemos, ali provando o que afirmamos, ali tem Va. Excia, senhor Presidente, o eloquente testemunho da censura exercida em Portugal contra a Justiça que se fazia a Ricardo Severo documento que me foi confiado pelo director do "Diario de Lisboa" e eu me comprometi a não divulgar até à sua morte. (Soares mostra ao General as provas tipográficas do "Diario de Lisboa" quando Ricardo Severo foi pela ultima vez à Metrópole), e continua:

— Só passados doze anos da data da morte de Ricardo Severo e por reiteradas instâncias dos portugueses do Brasil é que o ditador consentiu que a Sociedade de Geografia inaugurasse o busto oferecido pelo Casa de Portugal.

Nos confiamos, Senhor Presidente, que a visita de Va. Excia. a este país da Liberdade lhe de a coragem para acabar aquelle regime de silencio que procura occultar o valor de homens illustres como Ricardo Severo e que honrar a influencia no conceito honroso que de Portugal fazem as outras Na-

ções. Eu só falo de Ricardo Severo, mas podia citar também o sábio Egas Moniz que foi preciso serem os brasileiros a apresentar como candidato ao premio Nobel, e Jaime Cortesão, famoso historiador escolhido pelos paulistas para organizar e dirigir a Exposição Histórica do IV Centenario da Fundação da Cidade de São Paulo. Mas maiores ainda são os prejuizos causados pela censura.

Diario de Lisboa

30-6-1935

N.º 4531

VISADO

Chega amanhã a Lisboa a Exposição de Censura...

Esta semana a Lisboa, Lisboa de 1935...

Muito e admiravelmente, desde 1911, a Metrópole republicana da Porto...

De ambos os lados, porém, activamente o primeiro objectivo da manobra...

Conheço pessoalmente o Sr. Ricardo Severo, filho de 1914, na minha passagem por S. Paulo, tendo-me sido...

Nos dois dias que esteve em S. Paulo em 1935, e não houve conferências...

A sua variavel cultura e a inteligência dos homens e dos acontecimentos...

A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

— A obra de Ricardo Severo a sua obra critica e científica e sempre valiosissima, e não cabia a sua estadia...

O Asilo de Humberto Delgado

e eu, não sabendo que nome (...) havia de dar àqueles que tinham abandonado a manjedoura do Estado Novo (...) lembrei-me de lhes chamar os pintãos da ninhada salazarista. Eles tinham sido educados naquele ambiente pestilento, meio putrefacto, e ficaram com esse estigma de origem...

*Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída:
Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das
'Memórias do Capitão'*

Em 1959 Humberto Delgado chega ao Rio de Janeiro na condição de asilado, após ter sido derrotado num fraudulento processo eleitoral à Presidência da República Portuguesa. A adesão cívica à sua candidatura deixara a imagem do Estado Novo fragilizada perante a comunidade internacional. A condição de ex-candidato num Estado de opressão confere-lhe uma aura inequívoca de líder que este reivindica para si mesmo, exacerbando-a. A 5 de Outubro, o general chega a São Paulo, onde encontra uma oposição organizada com convicções diferentes das suas.

Embora o núcleo de oposição lhe tenha prestado auxílio individual, providenciando-lhe meios de subsistência na empresa Amaral e para outras operações revolucionárias, negou-lhe o apoio que pretendia, considerando as atitudes do militar ofensivas para com a comunidade de opositores. Como consequência da discórdia, distanciou-se do núcleo central oposicionista. Delgado criou, por isso, um Movimento Nacional Independente que não chegou a alcançar o reconhecimento geral da oposição no exílio brasileiro. O general sairá do Brasil e juntar-se à, mais tarde, aos opositores que se encontravam na Argélia.



Humberto Delgado (ca 1959)



Da esq. p/a dir.: Sarmento Pimentel, Humberto Delgado, Severino da Luz, Walkírio da Luz e Oswaldo de Fleury (ca 1959)

THE
Western
TELEGRAPH COMPANY, LIMITED

170-2-18
1314

PH 7 23
19 MY

Empregado	Hora do Recebimento	Para qualquer informação referente a este telegrama queira telefonar indicando este número →
		03785

A primeira linha deste telegrama contém as seguintes informações, na ordem indicada: Número do Telegrama, Estação de procedência, Número de Palavras, Data original, Hora da apresentação.

ESTAÇÕES ABREVIADAS

BLM	Belém
SLZ	São Luiz
FLA	Fortaleza
NIL	Natal, RGN
JPA	João Pessoa
CGR	Campina Grã
RCE	Recife
MAC	Maceió
SDR	Salvador
VTA	Vitória
BHE	Belo Horizonte
RIO	Rio de Janeiro
STOS	Santos
CAM	Campinas
SPO	São Paulo
CRA	Curitiba
PRGA	Paranáguá
FNS	Florianópolis
RGS	Rio Grande, F
PAS	Pelotas
PTG	Porto Alegre

NE 264/169T RIO 96/95 19 1508 1PGE 50WS =

CTN COMANDANTE SARMENTO PIMENTEL

RUA ITACOLOMI 258 APARTAMENTO 6-A SPLO =

54 AINDA SOB EMOCÃO RECEPCÃO QUE VOSSA
EXCELENCIA COMITEE INTELLECTUAIS CENTRO
REPUBLICANO PORTUGAL DEMOCRATICO AUTORIDADES
JORNALIS UNIVERSIDADES ESTUDANTES AGREMIACOES
E POPULACÃO SAOPAULO SE DIGNARAM TORNAR
GRANDIOSA VIRGULA VENHO PENHORADAMENTE
AGRADECER MANEIRA TÃO VIBRANTE E CARINHOSA
COMO ME RECEBERAM PONTO SOLICITO

N. 8. — As empresas telegráficas não aceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegrafia (Convenção Telegráfica Internacional)

Telegrama de Humberto Delgado a Sarmento Pimentel (Rio de Janeiro, ca 1959)

Item 47 - 1950

THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED
CABIDA A
CABLE AND WIRELESS LIMITED

CONTINUAÇÃO: PAGINA N.º

Nome: 2PGE NE 264/169T 45WS =

Ref. Circuito
1959
RUA 15 de Novembro
251
SÃO PAULO
BRASIL - GRUPO

03785

A TODOS FAÇA CONHECER MINHA COMOVIDA
GRATIDÃO ENQUANTO NÃO ESPECO DEVIDOS
AGRADECIMENTOS INDIVIDUAIS PONTO COMO
VOSSA EXCELENCIA TÃO BEM EXPRESSIU
BANQUETE QUINZE DE MAIO TAMBEM EU JULGO
QUE COM ALTA COLABORACÃO DOS CORRELIGIONARIOS
NOSSA AÇÃO TOMARA EFICAZ RUMO PRO PATRIA
PRO LIBERDADE = GENERAL HUMBERTO DELGADO

SÉDE DA COMPANHIA: "ELECTRA HOUSE" VICTORIA

258 6-A 54

HUMBERTO DELGADO
IDEIA PORTUGUESA



MARTINS, 30, APT.º 501
RIO DE JANEIRO - BRASIL



1332

Confidencial

Rio de Janeiro, 25 de junho de 1959

Nº 208/59

Ilmo Sr.
Capitão João Sarmiento Pimentel
Rua Itacolomi, 258 aptº 6-A
São Paulo

Meu presado camarada e amigo

Fui procurado pelos srs. Drs. Carneiro Franco e "Paulo de Castro" que se mostraram irritados, especialmente o ultimo, com ocorrências havidas em S.Paulo, a propósito:

a)- da luta entre M. Urbano Rodrigues e colegas da redação do O Estado de S.Paulo, luta de que poderia resultar o despedimento dos últimos sob o apodo de comunistas;

b)- luta dentro do Portugal Democrático, entre esquerdas e liberais, atribuindo a Paulo de Castro a culpa aos liberais.

2. Paulo de Castro mostrou-se ameaçador, no que refere a alinea a) dizendo pôr todo o seu poder, incluindo o Diário de Notícias, contra Miguel Urbano Rodrigues, se resultasse mal aos colegas por ação deste.

3. Avisei M.U.Rodrigues, como aliás Paulo de Castro queria, e aconselhei aquele atentar uma trégua de uns dois meses - período em que Henrique Galvão deve poder resolver a sua vinda para o Brasil e então coordenar um jornal liberal, seja o atual seja outro.

4. Faz-me pena que uma dúzia de pessoas espalhadas por S.Paulo e pelo Rio, não consigam esmerilar as arestas de fricção pessoal, mas, perante o verificar do fato, sinto-me forçado a intervir, como aliás os dois visitantes pediram. Não estou a tomar partido - quero salientá-lo bem - mas tão somente atentar tomar providências para o estabelecimento de uma trégua que me permita ver se calmamente, após 2 meses de Brasil, traço diretriz que conduza a oposição liberal a uma ação coesa e eficiente.

5. Venho pois solicitar-lhe que, á luz do exposto, se digne funcionar como elemento equilibrador e de decisão nos casos em que conflito surja a respeito do jornal Portugal Democrático, que, como o seu nome indica, deve ser um órgão democrático.

Agradecendo antecipadamente, apresento os meus cumprimentos

PRO-PÁTRIA PRO-LIBERDADE

General HUMBERTO DELGADO

Carta de Humberto Delgado a Sarmiento Pimentel (Rio de Janeiro, 25/6/1959)

1343
20 de Novembro de 1960

Caro Com. J. Sarmiento Pimentel :

É na tripla qualidade de meu camarada, Conselheiro do M N I e diretor honorário do "Portugal Democrático" que lhe escrevo. Verifiquei, ao ler o jornal, do qual gentilmente me deixou diversos exemplares, que a ronda do ódio não desarmou.

Cada vez mais sobrepondo personalismo à Causa, e tentando tola-mente criar ciúmes de minha parte contra pessoas que pela idade e passado já não precisavam ser tão louvaminhadas, alguns "soit-disant" oposicionistas continuam dando espetáculo público, trágico-cômico, para o gaudío da PIDE, que explora matéria tão boa cedida gratuitamente.

Da forma dispiciante como o jornal trata o Plano Colonial, da oposição, permitindo-se, com acinte, dizer em primeira página, que se ouviram "opiniões pessoais", junto a posição dada ao discurso do "Chefe do Estado" (como as vezes, em mare de euforia ou a hora do champagne, me chamam) leva-me a não poder colaborar no envio para Portugal dos exemplares que amavelmente me trouxe de certo sem ter lido este número com atenção.

Na verdade seria o cúmulo da humilhação, que eu, considerado inteligente desde menino e moço, desse agora a impressão aos milhares de eleitores portugueses que me elegeram, de haver eu passado a ser estúpido ou pouco arguto.

Como lhe disse em minha ^{caja} na reunião de serviço do dia quatorze, em Portugal - com excepção dos comunistas - todos acharam admirável o Plano Colonial. Aqui é o que se vê ...

Já lhe mandei cópias da decifração da carta recebida de pessoa muito responsável, mas envio outra copia apensa.

Estou sob a impressão de que parte das pessoas que o novo exilado está arrastando, são exactamente as mesmas que assinaram em Julho de 1959 um papel dizendo que estudar assuntos portugueses no Brasil, era "fazer arte pela arte"... Tenho esse documento em segurança fora de casa, mas se a guerrilha passar as raías da paciência, posso ir busca-lo para nova batalha "campal".

A paz é melhor do que a guerra, mas eu tenho provado que sirvo para as duas. Et comment: I'm ready Sir ...

Aflige ver estas ações da parte de uma oposição que, depois de ser insultada, por um pequeno que a todos chamou "pigmeus", abrangendo os portugueses dos cinco continentes, levou o moço "histerico" ao microfone em cinco de Outubro, e exactamente por sua mão, o decano, meu caro Com S. Pimentel ! Como me espantou. Disse -lho, e confesso que ainda estou confuso.

Findo agradecendo a sua cooperação e fazendo profundos votos de melhoras a Sra. Sarmiento Pimentel.

Cordiais cumprimentos
Pró-Pátria, Pró - Liberdade


Humberto Delgado.

Carta de Humberto Delgado a Sarmiento Pimentel (20/11/1960)

A Operação Dulcineia

“Depois da rendição, vieram todos para São Paulo. Eram umas 24 pessoas que tinham tomado parte na aventura. Pôs-se o problema do alojamento...”

*Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída:
Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das
'Memórias do Capitão'*

Apoiado por Henrique Galvão, o DRIL iniciava em Curaçao a Operação Dulcineia, um dos acontecimentos que mais abalou a ditadura salazarista. O assalto ao Santa Maria, que inicialmente os Estados Ibéricos pretendiam que fosse interpretado como um crime de pirataria, foi compreendido afinal como gesto de contrapropaganda aos seus regimes ditatoriais, colocando-os na mira da comunidade internacional. Aos revoltosos, desembarcados no Recife, é concedido asilo político, causando desconfiança na facção conservadora da sociedade brasileira. O mediatismo construído a partir da imprensa e das imagens televisivas gera um aparato que favorece a propaganda antissalazarista, divulgando a informação de contrapoder no Brasil, Estados Unidos da América e pelo mundo. Os “pintões da ninhada salazarista”, que Sarmiento Pimentel assim batizara por terem compactuado com Salazar, depressa se desentendem. Aparentemente unidos na Operação Dulcineia, Humberto Delgado e Henrique Galvão demonstram publicamente as suas divergências ideológicas.

A criação de uma Comissão de Hospitalidade aos Asilados de Santa Maria, nasce da associação de alguns políticos e intelectuais brasileiros que mantêm relações com o centro da oposição de São Paulo.



Paquete Santa Maria (Recife, ca 1961)



Deportados do Santa Maria com cap. Tudela Vasconcelos e Abílio Águas (ca 1961)

717

All America Cables and Radio

American Cable & Radio System

"Via All America" "Via Commercial" "Via Mackay Radio"

<p>SÃO PAULO Matriz: Rua da Quitanda, 100 - Tel. 35-3111 (9 linhas) Sucursais: Av. Ipiranga, 770 - Tel. 36-4855 Av. Senador Oestros, 393 - Tel. 32-4786 Av. São João, 1123 - Tel. 52-8292 Rua 7 de Abril, 270 - Tel. 52-2772 Aeroporto de Congonhas - Tel. 61-4700 Praça Ramos de Azevedo, 206</p> <p>RIO DE JANEIRO Matriz: Av. Rio Branco, 99/101 - Tel. 23-1700 (10 linhas)</p> <p>SANTOS Rua 15 de Novembro, 141 - Tels. 2-5502-2-5561-2-6852</p>		<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; padding: 2px;">N.º HORA M.M.</td> <td style="width: 50%;"></td> </tr> <tr> <td style="width: 50%; padding: 2px;">PALAVRAS</td> <td style="width: 50%; padding: 2px;">TAXA</td> </tr> </table>	N.º HORA M.M.		PALAVRAS	TAXA
N.º HORA M.M.						
PALAVRAS	TAXA					

INDIQUE COM "T" A CATEGORIA QUE DESEJA. AS MENSAGENS NÃO CLASSIFICADAS PELO EXPEDIDOR SERÃO INCLuíDAS NA TARIFA ORDINÁRIA.
 URGENTE
ORDINÁRIO A TARIFA INTEGRAL
TELEGRAMA CARTA (LT)

EM TRÁFEGO MÚTUO COM A WESTERN UNION PARA PONTOS NOS ESTADOS UNIDOS ALÉM DAS ESTAÇÕES DA ALL AMERICA CABLES AND RADIO, INC.

General Humberto Delgado
Bordo do "Santa Maria"
Recife - Estado de Pernambuco

TELEGRAMAS PARA RIO E EXTERIOR

Recebido de Londres seguinte telegrama importantes contactos bem sucedidos confidencial Observer Time relatório Galvão declaração Sunday Times trabalhando sombra preciso material dinheiro SF ponto também veio telegrama comitê venezuelano pródemocracia e liberdade Portugal apoio nossa luta assinando deputados Bartoli Aguilar Rondon Lovera Garcia Fonce Herrera Cropeza Garcia Bustillos Luscinhi Coll ponto carta aérea Emry Rose Nova Iorque felicitando ação Santa Maria ponto moção Assembleia Estadual paulista apoio Galvão e democracia portuguesa ponto nossas cordiais saudações

SARMENTO PIMENTEL
 ASSINATURA DO EXPEDIDOR _____ ENDEREÇO _____

ACM-105 - BZL-8 QUEIRA TRANSMITIR O SEGUINTE TELEGRAMA DE ACÓRDO COM AS CONDIÇÕES IMPRESSAS NO VERSO, AS QUAIS ME SUJEITO.

Telegrama de Sarmiento Pimentel a Humberto Delgado (ca 1961)

Partes de H. Galvão



A Nação viveu momentos de intensa emoção com a tomada do navio português "Santa Maria" por um grupo de homens decididos a lutar abertamente contra as ditaduras de Salazar e Franco. Quizeram as circunstâncias que o comando do DRIL e o capitão Henrique Galvão decidissem aportar em terras brasileiras colocando um ponto final numa operação que, segundo afirmam, faz parte de um plano pôsto em execução há muito tempo e que terá continuidade num futuro próximo. Essas circunstâncias deram azo a que os homens do "Santa Maria" se vissem na situação de asilados políticos no Brasil, cujo governo não hesitou em lhes conceder as garantias a que faziam jus, mas, segundo as próprias palavras dos seus comandantes, em trânsito para um destino de onde possam continuar lutando contra as ditaduras ibericas. A sua passagem pelo Brasil será assim muito breve e sem que o DRIL e o capitão Galvão queiram caracteriza-la por quaisquer gestos ou diligências que macular os seus deveres de hospedes desejados deste país. Esta dupla condição de hospedes mas de hospedes a prazo curto que não podem nem desejam quebrar as regras da fraternidade que envolveu a sua chegada e a sua acolhida no Brasil, coloca os homens do "Santa Maria" na situação paradoxal de dependerem inteiramente do povo brasileiro para a necessaria execução dos pontos minimos que possibilitem a sua estada em terras brasileiras e a consequente saída deste país a caminho de uma luta que prometem continuar. Cabe-nos a nós, brasileiros ir ao encontro dessa situação, cumprindo os sagrados deveres da hospitalidade e contribuindo para que se desfaça num futuro próximo o tremendo e equívoco existente na Peninsula Iberica de forma a que os povos portugueses e espanhol possam vir a enveredar pelo caminho da Democracia dentro do espirito da Liberdade e da Justiça.

É nesse sentido que surge agora uma Comissão Nacional de Hospitalidade aos Asilados do "Santa Maria" fundada num legitimo espirito de fraternidade democrática, de união de esforços, para que os democratas portugueses e espanhóis ora em territorio brasileiro possam sentir quanto de comunhão existe nos seus ideia e nos ideais do nosso povo.

Comunicado da Comissão Nacional aos Asilados do Santa Maria (ca 1961)

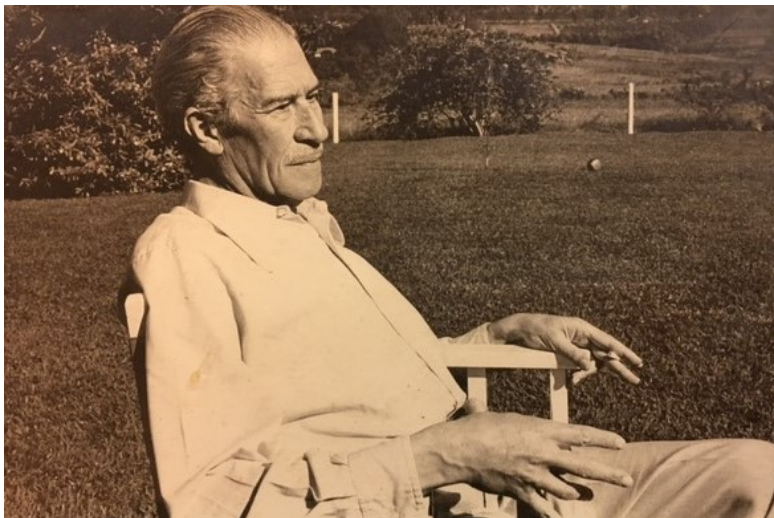
A Comissão de Hospitalidade aos Asilados do "Santa Maria" propoe-se auxiliar e pedir auxilio moral e material para os asilados do "Santa Maria", entrando imediatamente a funcionar com séde em São Paulo, na União Estadual dos Estudantes, Rua Santo Amaro, 608-telefone 32-2587, entre as 10 e as 12 horas e as 15 e as 18 horas de cada dia útil. Posteriormente, serão anunciados os locais onde esta Comissão estará funcionando nas demais capitais do país.

A Comissão Nacional de Hospitalidade aos Asilados do "Santa Maria" conta já com as seguintes adesões: Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Alceu Amoroso Lima, Oliveiros Guanais, Julio de Mesquita Filho, João Dantas, Paulo Duarte, Mario Pedrosa, Fulvio Abramo, Claudio Abramo, Reynaldo Saldanha da Gama, Fernando Henrique Cardoso, Julio de Mesquita Neto, Ruy Mesquita, Luiz Carlos Mesquita, Oliveiros S. Ferreira, Alipio Correa Neto, Livio Xavier, Sabato Magaldi, Soares Amora, Dulce Salles Cunha, Alvaro Lins, Pedro Dantas, Jorge Amado, Guilherme de Figueiredo, Fernando Sabino, Darcy Ribeiro, Janio de Freitas, Mauritonio Meira, Aurelio Buarque de Holanda, Enio Silveira, Paulo Silveira, Moacyr Werneck de Castro, Joel Silveira e Almino Afonso.

São Paulo e Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1961.

O Auxílio a Exilados

A assistência a exilados é um tema recorrente no espólio de Sarmento Pimentel durante o período da ditadura portuguesa, sobretudo até ao fim dos anos 60. É uma ajuda financeira, mas também de outros recursos, como o trabalho que pode providenciar o sustento. Estas diligências iniciam-se com a Liga Portuguesa da República, que se ramifica pela Europa e Brasil, aí liderada por Sarmento Pimentel, mas prolongam-se para além dela. No caso de intelectuais e jornalistas, o auxílio traduziu-se muitas vezes na providência de escrita de artigos para jornais, traduções ou edição de obras. Em contato com diversas áreas profissionais, Sarmento Pimentel tornou-se um verdadeiro “cônsul do trabalho para os portugueses” durante o seu exílio no Brasil, como o afirmou Sarmento de Beires.



Adolfo Casais Monteiro



452

Paris, 15 de Janeiro de 1929

Meu caro Sarmiento Pimentel

Vem-me do Banco Italo-Francês aviso de que tenho a cobrar 4.932 francos. Concluiu que são remetidos pela Liga de São Paulo. Espero confirmação sua, para enviar agradecimento oficial da nossa Junta Directiva.

Continuamos a trabalhar para a nossa revolução, feita com armamento nosso. Mas isso, claro, é coisa que demora um pouco. Entretanto, chegam-nos notícias de possível revolução militar. Ao que nos dizem, acham-se metidos na conjura o Ribeiro de Carvalho, o Araújo, o Cerqueira da marinha e o Graveiro Lopes. Dão-nos a coisa como possível de rebentar ainda neste mês de Janeiro. A ver vamos. Como esta carta contém nomes, será talvez prudente rasgá-la depois de a ler. Não vá o diabo armar alguma.

Não tenho tido carta sua. Espero que chegue por estes dias. Nas minhas últimas, pedia-lhe informações sobre a possibilidade de qualquer empregozito inicial para o pintor português Ferreira da Costa, e o obséquio de enviar ao Afrânio Peixoto as indicações sobre a Europress.

O que lhe disse sobre a revolução é tudo quanto sei. O Nuno Cruz partiu para Portugal para nos informar do estado das coisas, mas ainda não escreveu. Não admira; ele tem de viajar escondido, e o conhecer com bastante precisão as coisas é tarefa que leva tempo. Como os nossos compatriotas são gente de intriguinhas e incompatibilidades pessoais, e como os políticos fazem sempre um jogo feroz e indecente de competências de campanário, a situação varia de momento a momento.

Adeus, meu querido Sarmiento Pimentel. Oxalá esta já lá chegasse depois de uma mudança importante no país. Um grande abraço do

Sergio

Endereço sempre o mesmo:
284, rue de Vaugirard

Carta de António Sérgio a Sarmiento Pimentel (Paris, 15/1/1929)

Ilmo.Sr.
Casais Monteiro
Capital

1067

Prezado amigo:

Somos constantemente assediados com pedidos de dinheiro, para socorrer muitos dos nossos compatriotas democráticos que chegam ao Brasil sem recursos.

Esse fato representa a mais das vezes encargo para um ou outro, e acarreta dificuldades que não resolvem totalmente o problema daquêle que necessita o nosso auxílio quando afinal dividido por muitos, seria um compromisso fácil de satisfazer.

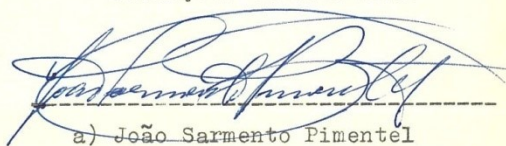
Alem dessa triste eventualidade, outros casos surgem que demandam despesas às quais somos forçados a atender e que também são distribuídos desigualmente quando poderiam dividir-se por muitos com um mínimo de sacrifício. Assim sendo constituimo-nos em grupo com a missão de contribuirmos com uma mensalidade voluntária e que formará um fundo de assistência capaz de atender aos casos de solidariedade democrática especificados e a outros problemas, que eventualmente justifiquem nosso interesse.

A movimentação dêste fundo será efetivada por um tesoureiro e dois adjuntos cuja indicação dependerá do grupo que propomos organizar. A êles competirá a direção do fundo, aplicação do capital, atendimento aos casos de solidariedade e a convocação do grupo para a solução de algum problema que envolva o bom nome de Portugal.

Indicamos para tesoureiro o engenheiro Santos Balei^zão e para adjuntos, nossos compatriotas João Alves das Neves e engenheiro Carlos Valente da Cruz.

Aguardamos a vossa resposta anuindo patrioticamente a nossa solicitação e indicando-nos o montante de sua contribuição mensal.

Saudações democráticas



a) João Sarmento Pimentel

Carta de Sarmento Pimentel a Casais Monteiro (ca 195?)

Após o 25 de Abril

Uma situação parecida com a que precedeu o 28 de maio, insisto em afirmá-lo. Podemos cair outra vez num governo de força, numa ditadura que nos reduza, de novo, à condição de escravos. Porque a extrema direita não desarma e a extrema esquerda não desiste.

Sarmiento Pimentel ou Uma Geração Traída: Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das 'Memórias do Capitão'

É em maio de 1974 que Sarmento Pimentel regressa a Portugal. O fim da ditadura portuguesa foi um momento de exaltação e júbilo nacional. Para os poucos exilados do Revirvalho ainda vivos, poder voltar ao seu país veio concretizar um sonho acalentado durante quase meio século. Longe de ser pacífico, o processo revolucionário foi controverso e tempestivo, com diversos períodos de discórdia social e política.

O “caso República” desenrola-se a partir de 19 de maio, quando a Comissão Coordenadora de Trabalho tenta afastar Raúl Rego deste jornal, sob o pretexto de ser tendencioso relativamente ao Partido Socialista. Raúl Rego e outros jornalistas ficaram detidos nas instalações do jornal, impedidos de sair pelos trabalhadores comunistas, que discordavam da orientação da direção do *República*, exigindo a sua demissão. A questão é acolhida com revolta, particularmente nos núcleos de oposição ligados ao Partido Socialista. Sarmento Pimentel é um dos manifestantes.

O jornal é encerrado e selado. O Conselho de Revolução define o “caso República” como um problema de ordem política, determinando posteriormente a sua reabertura com a mesma direção.



EMBRATEL

Vinculada ao Ministério das Comunicações

ASSINALE COM UM X A CATEGORIA DESEJADA:

TELEGRAMA URG ORD LT 23 MAI 7039 11897 704

RESERVADO PARA USO DA EMBRATEL										TAXA:		
Nº	Nº AGENCIA									F.N.T.		
										D.P.		
										TOTAL D.S.		
ORDEM	PALAVRAS	DIA	HORA							TAXADOR		

Queira transmitir o seguinte telegrama — VIA SATELITE — de acordo com as condições impressas no verso às quais me sujeito.

DATA 23 maio 1975


Ministro Mário Soares
São Pedro Alcantara 81
Lisboa

Incompatíveis ditadura, correligionários Brasil aplaudem colocação problema socialismo ou comunismo, protestando indignados contra estalho Republica, manipulação imprensa, sindicatos e autarquias. Coligação somente no respeito pluralismo, liberdades fundamentais e vontade popular, conforme programa MPA. João Sarmento Pimentel, Francisco Sarmento Pimentel, João Paulo Monteiro, João Alves dos Santos (João de Almada), Joaquim Duarte Baptista, Antonio Sousa Amorim, Alamiro Andrade, Melo Espinola, Manuel Baptista.

Expedir: João Sarmento Pimentel Endereço: Rua Itacolomy, 258

PARA ENVIAR TELEGRAMAS POR TELEFONE OU CHAMAR MENSAGEIRO, VIDE VERSO
 TELEFONE: 7802 - 036 - Mod. CI - 032 / 47.500-004 / 71-79 / E. A.

Telegrama de Sarmento Pimentel (e outros) a Mário Soares (23/5/1975)



EMBRATEL

Vinculada ao Ministério das Comunicações

ASSINALE COM UM X A CATEGORIA DESEJADA:

TELEGRAMA URG ORD LT 20 MAI 7039 11897 705

RESERVADO PARA USO DA EMBRATEL										TAXA:		
Nº	Nº AGENCIA									F.N.T.		
										D.P.		
										TOTAL D.S.		
ORDEM	PALAVRAS	DIA	HORA							TAXADOR		

Queira transmitir o seguinte telegrama — VIA SATELITE — de acordo com as condições impressas no verso, às quais me sujeito.

DATA 20-5-75

Ministro Mário Soares
São Pedro Alcantara 81
Lisboa

Com profundo espanto protestamos indignados violência contra jornal Republica simbolo democracia e liberdade. Nem totalitarismo salazarista ouso afronta agora comitido fascistas vovosinhos. Solidários atitude corajosa Raul Hugo e Partido Socialista. Sarmento Pimentel - Santos Baleizão.

Expedir: João Sarmento Pimentel Endereço: Rua Itacolomy, 258

PARA ENVIAR TELEGRAMAS POR TELEFONE OU CHAMAR MENSAGEIRO, VIDE VERSO
 TELEFONE: 7802 - 036 - Mod. CI - 032 / 47.500-004 / 71-79 / E. A.

Telegrama de Sarmento Pimentel e Santos Baleizão a Mário Soares (20/5/1975)

Uma alegria imensa.

Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída: Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das 'Memórias do Capitão'



Da esq. p/a dir.: Sarmento Pimentel, Ramalho Eanes, Mário Soares (Lisboa, 1975?)



Da esq. p/a dir.: Costa Gomes, César de Almeida, Sarmento Pimentel e Otelo Saraiva de Carvalho
(Câmara Municipal de Lisboa, 5/10/1974)



Sarmento Pimentel e Lúcio Feteira (1974)



Da esq. p/a dir.: Nuno Simões, Sarmento Pimentel e Lúcio Feteira



Da esq. p/a dir.: Norberto Lopes, Sarmento Pimentel, Rodrigues Lapa e António Valdemar (Lisboa, 1974)



Da esq. p/a dir.: Sarmiento Pimentel, Pinheiro de Azevedo e Victor Alves (Lisboa, 1974?)



Victor Alves e Sarmiento Pimentel (Lisboa, 1974?)

Alguns dados biográficos

Sarmiento Pimentel (Suções, Mirandela, 1888- São Paulo, 1987)

Vida académica

Colégio de Santa Quitéria (Felgueiras)
Liceu de Guimarães
Liceu de Viseu
Curso de Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra
Academia Militar

Vida Profissional e militar

Guarda Nacional Republicana do Porto (1º Oficial de Cavalaria)
Minas de São Pedro da Cova
Fábrica de Cimentos de Leiria
Sousa Cruz (indústria tabaqueira)
Covibra (indústria de vidro plano)

Vida política e associativa

Chefe de gabinete do Ministro da Agricultura Ezequiel de Campos (1924-1925)
Membro do corpo diretivo da *Seara Nova*
Fundador da Casa de Portugal
Fundador da Universidade de São Paulo
Fundador do Partido Socialista Português
Membro da Frente Patriótica de Libertação Nacional de Portugal
Membro do Comité Português Antifascista
Diretor da Liga Portuguesa Pró-República Constitucional
Presidente da Direção do Centro Republicano Português de S. Paulo
Presidente do Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses — Pró-Liberdade de Expressão
Coordenador da União dos Democratas Portugueses
Conselheiro do Movimento Nacional Independente
Sócio Grande Benfeitor do Centro Transmontano de São Paulo

Obra publicada:

Colaborações na Imprensa periódica

Povo de Felgueiras
Jornal de Felgueiras
Seara Nova
Homens Livres
Comércio do Porto
Diário de Notícias
Portugal Democrático
Estado de São Paulo
Revista Portuguesa
Revista Portugália
Primeiro de Janeiro
Semana Portuguesa

- Livros³

Cruzeiro Sul
Filha de Lázaro (teatro)
O Crime de Augusto Gomes
Viagem Maravilhosa
Mais Vale Andar no Mar Alto (1925)
Memórias do Capitão (1963)
Uma Geração Traída: Entrevista de Norberto Lopes ao autor das Memórias do Capitão (1976)

Condecorações

Cavaleiro da Ordem de Avis (28/2/1919)
Cavaleiro Torre e Espada, Valor Lealdade e Mérito (31/3/1923)
Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (30/8/1978)
Grã-Cruz da Ordem da Liberdade (1/4/1980)

³A maioria destas obras encontra-se atribuída de Norberto Lopes. É provável que o jornalista tenha assumido a sua autoria a pedido de Sarmento Pimentel, que estava proibido de publicar em Portugal durante a ditadura.

Para saber mais (referências bibliográficas)

- Afonso, Aniceto (2021). "Portugal e a guerra nas colónias". In: (Org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 297-299.
- Amaro, António Rafael (1995). *A Seara Nova nos anos 20 e 30 (1921-1939): Memória, Cultura e Poder*. Universidade Católica Portuguesa.
- Barros, Júlia Leitão de (2022). *Censura: a Construção de uma Arma Política do Estado Novo*. Tinta-da-China.
- CIAPPLE (2011). "Comunicado do Comité dos Intelectuais". In: Sena, Jorge de. *Rever Portugal: Textos Políticos e Afins*. Babel, p. 383-384.
- Clímaco, Cristina (2017). *Republicanos, Anarquistas e Comunistas no Exílio: 1927-1936*. Colibri.
- Chorão, Luís Bigotte (2019). *Asilo político em tempos de Salazar: os casos de Humberto Delgado e Henrique Galvão*. Edições 70.
- Correia, Sílvia (2021). "A memória da guerra". In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 349-370.
- Farinha, Luís (2021). "A Caminho do 28 de Maio". In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 535-567.
- Farinha, Luís (1998). *O Revirinho: Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940*. Editorial Estampa.
- Leite, Rui Moreira (2003). "Apresentação: A missão portuguesa, rotas entrecruzadas". In: (org.) Lemos, Fernando, Leite, Rui Moreira. *A Missão Portuguesa: Rotas Entrecruzadas*. Editora UNESP, 2003, p. 13.
- Lopes, Norberto (1976). *Sarmento Pimentel ou Uma Geração Traída: Diálogos de Norberto Lopes com o Autor das 'Memórias do Capitão'*. Editorial Aster.
- Marques, Isabel Pestana (2021). "Portugal nas trincheiras: os combatentes portugueses em França (1917-1919)". In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 301-318.
- Nora, Pierre (2012). "Entre a Memória e a História: a Problemática dos Lugares". In: Estudos de Memória, Teoria e Análise Cultural. Húmus, 51-73.
- Paiva, Janise de Sousa (2003). "Escritos no Exílio – Sarmento Pimentel no Brasil". In: Lemos, Fernando, Leite, Rui Moreira (org.). *A Missão Portuguesa: Rotas Entrecruzadas*. Editora UNESP, 2003, p. 117-122.
- Paulo, Heloísa (2000). *Aqui Também é Portugal: a Colónia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Quarteto.
- Paulo, Heloísa (1994). *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/SNI e o DIP*. Minerva.
- Paulo, Heloísa (2015). "O Brasil como uma plataforma para a luta contra Salazar (1959-1964)". In: *Ecos das Migrações*. Almedina. <http://hdl.handle.net/10316/46209>
- Paulo, Heloísa (2013). "O Exílio Português no Brasil nas décadas 50 e 60". In: *Cadernos CERU*, 23(2), p. 33-50. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v23i2p33-50> .
- Paulo, Heloísa (2020). "O Exílio em Português". In: *Migrações e Exílios no Mundo Contemporâneo*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1790-9> .
- Paulo, Heloísa (2011). "Os Exilados Republicanos: os Grandes Esquecidos". In: (coord.) Peixinho, Ana Teresa, Santos, Clara Almeida. *Comunicação e Educação Republicanas: 1910:2010*. Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 83-92. <http://hdl.handle.net/10316.2/24597>.
- Paulo, Heloísa (2010). "História e Memórias: Oitenta Anos do 3 de Fevereiro de 1927". In: *Memória das Oposições*. Minerva Coimbra, p.15-50.
- Paulo, Heloísa (2020). "Histórias de Exílios e Exilados: Abordagens da Memória". In: *Migrações e Exílios no Mundo Contemporâneo*. Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 17-33. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1790-9> .

- Paulo, Heloísa (2014). “La colonia portuguesa en Brasil y la Guerra Civil española”. In: *A Guerra da Propaganda: Portugal, Brasil e a Guerra Civil de Espanha*. EdIPUCRS. <https://eg.uc.pt/handle/10316/46214>
- Paulo, Heloísa (2008). “Uma Memória dos Opositores Sobre o Regime e Sobre a Oposição”. In: *Estados Autoritários Totalitários e suas Representações*. Imprensa da Universidade de Coimbra, p.377-387. <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32225/1/25-%20estados%20autoritarios.pdf> .
- Paulo, Heloísa (2010). “Um olhar obre a oposição e o exílio no Portugal de Salazar: 1949-1969”. In: *Memória das Oposições*. Minerva Coimbra, p.177-186.
- Pimentel, João Sarmiento (1963). *Memórias do Capitão*. Editora Felman-Rêgo.
- Pimentel, João Sarmiento (1974). *Memórias do Capitão*. Editorial Inova.
- Pimentel, João Sarmiento (1933). “Ditadura Arruinadora”. In: Paulo, Heloísa (2000). *Aqui Também é Portugal: a Colónia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Quarteto, p. 532.
- Pimentel, Irene (2018). *Inimigos de Salazar*. Clube do Autor.
- Pimentel, Irene (2013). *História da Oposição à Ditadura: 1926-1974*. Figueirinhas.
- Pimentel, Isabel (2021). *Bebé de volta ao Porto*. Edição do autor.
- Reis, António (2021). “Epílogo: o fim da Primeira República”. In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 571-582.
- Raby, Dawn Linda (1988). *A Resistência Antifascista em Portugal: Comunistas, democratas e militares em oposição a Salazar, 1941-1974*. Edições Salamandra.
- Rosas, Fernando (2018). *A Primeira República 1910-1926: Como Venceu e Porque se Perdeu*. Bertrand.
- Rosas, Fernando (2016). “História, (Des) Memória e Hegemonia”. In: *História e Memória: ‘última lição’ de Fernando Rosas*. Tinta-da-China, p. 41-81.
- Rosas, Fernando (2018). *Salazar e o Poder: A Arte de Saber Durar*. Tinta-da-China.
- RTP(1974): Comemorações do Dia 5 de Outubro. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracoes-do-dia-5-de-outubro/> .
- Samara, Maria Alice (2021). “A Questão Social: à Espera da ‘Nova Aurora’”. In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 61-77.
- Samara, Maria Alice (2021): “Sidonismo e restauração da República: Uma ‘encruzilhada de paixões contraditórias’”. In: (org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 371-395.
- Santos, Machado (1982): *A Revolução portuguesa: 1907-1910*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Sena, Jorge de, Pimentel, João Sarmiento (2020). *Correspondência 1959:1978*. Guerra e Paz.
- Serra, Joel (2021). “O 5 de Outubro” . In: (Org.) Rosas, Fernando, Rollo, Maria Fernanda. *História da Primeira República Portuguesa*. Tinta-da-China, p. 55-60.
- Silva, Douglas Mansur (2006). *A Oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro: 1956-1974*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Silva, Douglas Mansur (2007). *Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil: Formação e Transferência Cultural, Século XX*. (Tese de Doutoramento). Federal do Rio de Janeiro. <http://objdig.ufrj.br/72/teses/687517.pdf> .
- Silva, Douglas Mansur (2000). *A Ética da Resistência: os Exilados Anti-Salazaristas do Portugal Democrático (1956-1975)*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. <https://www.cd25a.uc.pt/media/pdf/Biblioteca%20digital/Textos%20jornalisticos/eticadaresistencia.pdf>.
- Vicente, Flávio (2018). *Direito e Justiça no Pensamento de João Maria Ferreira Sarmiento Pimentel*. Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/65355>

Documentação do espólio Sarmento Pimentel integrada nesta exposição – localização na Biblioteca Municipal Sarmento Pimentel

- Sena, Jorge de (1972). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (Santa Bárbara, 29/10/1972) – R.1233
- Sarmento Pimentel [material gráfico] (São Paulo, 1974) – SP20
- Lemos, Fernando (1964). Discurso a Sarmento Pimentel [material epistolar] (São Paulo, 1964) – R.1269
- Imagem de capa de: Pimentel, João Sarmento [monografias] (S/d): *Memórias do Capitão*. S/n : Editora Felman-Rêgo.– OFSP 821.134.3-94 PIM
- Imagem de capa de: Pimentel, João Sarmento [monografias] (1974): *Memórias do Capitão*. Porto: Editorial Inova.– OFSP 929 Pimentel, João Maria PIM 821.134.3-94 PIM
- Envelope devolvido ao remetente (Sarmento Pimentel) [material gráfico] – SP46
- Sarmento Pimentel [material gráfico] (ca 1910) – S/n
- Pires Loureiro, José de Mascarenhas e Sarmento Pimentel [material gráfico] (Aire – França, ca 1915) – SP81
- Espada de Honra da Cidade do Porto atribuída a Sarmento Pimentel [material gráfico] – SP63
- Dias, Adalberto de Sousa (1929). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (2/1/1929) – R.2497
- Leal, Francisco da Cunha (1930). Carta ao Presidente do Ministério [material epistolar] (26/5/1930) – R.
- Pimentel, João Sarmento (192?). Cartas do Brasil: a emigração, censurado pela Comissão Prévía [recortes de imprensa] (ca 192?) – S/n
- Pimentel, João Sarmento (192?). Cartas do Brasil: a emigração, censurado pela Comissão Prévía [recortes de imprensa] (ca 192?) – S/n
- Pimentel, João Sarmento (1928). Cartas do Brasil: a emigração, censurado pela Comissão Prévía [recortes de imprensa] (1928) – S/n
- Pimentel, João Sarmento (1928). [Tudo gente roubada à terra...], censurado pela Comissão Prévía (1/1928) – S/n
- Pimentel, João Sarmento (1928). [protesto dos republicanos do Brasil...], censurado pela Comissão Prévía (26/9/1928) – S/n
- António Sérgio e Sarmento Pimentel [material gráfico] (ca anos 30) – S/n
- Sérgio, António (1927). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (16/10/1927) –R.482
- Sarmento Pimentel e família [material gráfico] (Galiza, 1931) – S/n
- José de Mascarenhas e Sarmento Pimentel [material gráfico] (Galiza, 1931) –SP82
- Pimentel, João Sarmento (1957). Telegrama a Jaime Cortesão [material epistolar] (6/10/1957)
- Sarmento Pimentel [material gráfico] (S.Paulo, 5/10/1966) – SP98
- Adolfo Casais Monteiro [material gráfico] (S. Paulo, 5/10/1966) - SP91
- Castro Soromenho [material gráfico] (S.Paulo, ca 1960)– S/n
- Separata de *Portugal Democrático* [publicações periódicas] (junho/1961) – S/n
- Suplemento de *Portugal Democrático*- [publicações periódicas] (agosto/1961) – S/n
- Aquilino Ribeiro [material gráfico] – SP94
- Imagem de capa de: Ribeiro, Aquilino. *Quando os Lobos Uivam*
- Imagem de capa de: Monteiro, Adolfo Casais. *Quando os Lobos Julgam a Justiça Uiva* [monografias] (19--). São Paulo. Liberdade e Cultura.– OFSP 347.9 QUA
- Separata de *Portugal Democrático* (dezembro/1959) – S/n
- Monteiro, Adolfo Casais (1960). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (27/6/1960) – R.925

Pimentel, João Sarmento (1957). Opiniões Insuspeitas. In: *Portugal Democrático*. Maio/1957 – S/n

Pimentel, João Sarmento (1964). Opiniões Insuspeitas. In: *Portugal Democrático*. 22 a 28 de Agosto/ 1964 – S/n

Sarmento Pimentel, Humberto Delgado, Severino da Luz, Walkírio da Luz e Oswaldo de Fleury [material gráfico] (ca 1959) – SP88

Humberto Delgado [material gráfico] (ca 1959) – S/n

Delgado, Humberto (1959). Telegrama a Sarmento Pimentel [material epistolar] (Rio de Janeiro, ca 1959) – R. 1314

Delgado, Humberto (1959). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (Rio de Janeiro, 25/6/59) – R. 1332

Delgado, Humberto (1960). Carta a Sarmento Pimentel [material epistolar] (São Paulo, 20/11/1960) – R. 1343

Paquete Santa Maria [material gráfico] (1961) – SP9

Deportados do Santa Maria [material gráfico] (ca 1961) - SP80

Pimentel, João Sarmento (1961). Telegrama a Humberto Delgado [material epistolar] –R. 707

A.A.V.V (1959?) Comunicado da Comissão Nacional aos Asilados do Santa Maria [material epistolar] – R. 864

Sérgio, António (1929). Carta a Sarmento Pimentel (Paris, 15/1/1929)

Pimentel, João Sarmento (195?). Carta a Adolfo Casais Monteiro (ca195?) – R. 1067

Adolfo Casais Monteiro [material gráfico] - S/n

João Sarmento Pimentel, Gen. Ramalho Eanes, Mário Soares [material gráfico] (Lisboa, ca 1975) – SP12

João Sarmento Pimentel, Gen. Costa Gomes, Oteló Saraiva de Carvalho [material gráfico] (Câmara Municipal de Lisboa, 5/10/1974) – SP44

João Sarmento Pimentel e Fernando Lemos [material gráfico] (São Paulo, 1974) – SP51

Norberto Lopes, João Sarmento Pimentel, Manuel Rodrigues Lapa e António Valdemar [material gráfico] (Lisboa, ca 1974) – SP14

Victor Alves e João Sarmento Pimentel [material gráfico] (Lisboa, ca 1974) – SP21

João Sarmento Pimentel, José Pinheiro de Azevedo, Victor Alves [material gráfico] (Lisboa, ca 1974) – SP23

Lúcio Tomé Feteira e João Sarmento Pimentel [material gráfico] (Lisboa, ca 1974) – SP33

Nuno Simões, João Sarmento Pimentel e Lúcio Tomé Feteira [material gráfico] (Lisboa, ca 1974) – SP28

Pimentel, João Sarmento, Baleizão, João (1975). Telegrama a Mário Soares [material epistolar] (20/5/1975) - R.705

A.A.V.V. (1975). Telegrama a Mário Soares (23/5/1975) – R.70

Documentação do espólio de Isabel Fowler Sarmento Pimentel Granero, neta

Sarmento Pimentel [material gráfico] (Angola, ca 1914)

Sarmento Pimentel [material gráfico] (França, ca 1918)

Ao fim desse tempo todo desisti de voltar a morar à Rua do Campo Lindo, mas não desisti de regressar definitivamente a Portugal, pois que ainda agora, 40 anos depois, penso que amanhã mesmo é chegado aquele dia que ansiosamente desejo. Então poderei ir descansar, entre as serranias transmontanas que me viram nascer, até quando a noite eterna me consuma e junto desse bucólico rio Tua cuja correnteza de água límpida, serena, cristalina, é como a consciência de uma vida sem medo naquele caminho certo e nunca esquecido: saudade e amor dum País que só os totalitários rancorosos, cruéis, querem fazer madrasta da grande maioria dos seus filhos.

Memórias do Capitão

MIRANDELA
●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●